UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

MÔNICA SANTOS REIS

ENSINO DE GRAMÁTICA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2020

MÔNICA SANTOS REIS

ENSINO DE GRAMÁTICA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE
2020

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

R311e

Reis, Mônica Santos.
Ensino de gramática : variação linguística nos livros didáticos do Ensino Médio em São Francisco do Conde / Mônica Santos Reis. - 2020.
60 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2020.
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos.

1. Linguagem e línguas - Variação. 2. Língua portuguesa (Ensino Médio) - São Francisco do Conde (BA). 3. Língua portuguesa - Gramática. 4. Livros didáticos - Brasil. I. Título.

BA/UF/SEBI CDD 469.508142

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

MÔNICA SANTOS REIS

ENSINO DE GRAMÁTICA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado 05 de fevereiro de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (Orientador)
Doutor em Filologia e Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo
UNILAB – Campus dos Malês

Prof.ª Dr.ª Lavínia Rodrigues de Jesus
Doutora em Linguística – Universidade Federal do Ceará
UNILAB – Campus dos Malês

Prof.ª Dr.ª Wânia Miranda Araújo da Silva
Doutora em Linguística – Universidade de São Paulo
UNILAB – Campus dos Malês

Dedico esse trabalho a Papai do céu,
que foi meu guia nessa jornada, pois
sem a sua infinita sabedoria,
jamais teria conseguido.
E a minha querida e amada mãe, Vera
Lúcia Santos Reis, por todo carinho,
compreensão e incentivo.
Essa mulher guerreira
sempre será minha maior fonte
de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que permitiu tudo isso acontecesse na minha vida não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A UNILAB, seu corpo docente, direção e administração, que possibilitaram o caminho que hoje vislumbro: um futuro melhor, guiado na confiança, no mérito e na ética aqui presentes.

Ao meu querido orientador, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho. E aos demais professores por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional e por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Aos meus pais e familiares, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Em, especial, a minha heroína, Vera Lúcia Santos Reis, minha mãe, que mesmo com todas as dificuldades sempre incentivou a mim e as minhas irmãs a estudarmos. Mãe, obrigada pelos incentivos nas horas difíceis, de desânimo e cansaço. Te Amo.

Aos amigos, em especial, Diana, amiga da vida toda, e ao meu quarteto fantástico, Angel, a tímida; Claudiane, a desligada, e Tainá, a extrovertida.

Colegas e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida, com certeza.

A língua materna do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos, aquela pela qual se exprimem sua ternura e seus espantos, aquela enfim que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a menos valorizada. Não possui dignidade alguma no país ou no concerto dos povos.

Albert Memmi

RESUMO

O presente trabalho tem por tema o ensino de Gramática e a variação linguística nos livros didáticos do Ensino Médio em São Francisco do Conde. Tem por objetivo analisar os livros didáticos de português do ensino médio, na perspectiva da variação linguística e sua abordagem. A escolha deste mote surgiu da necessidade de compreensão e curiosidade em saber como o tema aparece nos materiais didáticos, com o propósito de integrar e aperfeiçoar as aulas de português, conduzindo a implantação de uma metodologia efetiva no processo de ensino-aprendizagem. Almeja-se, com essa ação, transformar as aulas em espaços acolhedores, agradáveis e não corretivos, mas motivando os diversos falares nas instituições de ensino. Com base para o referencial teórico utilizou-se Marcos Bagno; Egon de Oliveira Rangel. Evanildo Bechara; Raimunda Gomes de Carvalho Bellini; Maria Margarete Fernandes de Sousa; Circe Maria Fernandes Bittencourt; Roberto Gomes Camacho; Elenice de Campos; Célia Cristina de Figueiredo Cassiano; Selena Catiusce Goulart Corrêa; Daiane Vithoft de Almeida; Simone de Araújo Dutra; Carlos Alberto Faraco; Maria Helena de Moura Neves; Helênio Fonseca de Oliveira; Sírio Possenti dentre outros. A metodologia empregada foi a análise de duas coleções de livros do ensino médio referentes à disciplina de língua portuguesa. Percebe-se que a variação linguística é vista como fundamental na valorização das multiplicidades linguísticas, com grande potencial de abordagem, porém ainda pouco explorada nos livros didáticos, logo, nas salas de aula.

Palavras-chave: Linguagem e línguas - Variação. Língua portuguesa (Ensino Médio) - São Francisco do Conde (BA). Língua portuguesa - Gramática.

ABSTRACT

The present work has as its theme the teaching of Grammar and linguistic variation in high school textbooks in São Francisco do Conde. It aims to analyze high school Portuguese textbooks, from the perspective of linguistic variation and its approach. The choice of this motto arose from the need for understanding and curiosity in knowing how the theme appears in the didactic materials, with the purpose of integrating and improving Portuguese classes, leading to the implementation of an effective methodology in the teaching-learning process. With this action, the aim is to transform classes into welcoming, pleasant and non-corrective spaces, but motivating the various speeches in educational institutions. Based on the theoretical framework, Marcos Bagno was used; Egon de Oliveira Rangel. Evanildo Bechara; Raimunda Gomes de Carvalho Bellini; Maria Margarete Fernandes de Sousa; Circe Maria Fernandes Bittencourt; Roberto Gomes Camacho; Elenice de Campos; Célia Cristina de Figueiredo Cassiano; Selena Catiusce Goulart Corrêa; Daiane Vithoft de Almeida; Simone de Araújo Dutra; Carlos Alberto Faraco; Maria Helena de Moura Neves; Helênio Fonseca de Oliveira; Sirio Possenti among others. The methodology used was the analysis of two collections of high school books referring to the Portuguese language discipline. It is noticed that linguistic variation is seen as fundamental in the valuation of linguistic multiplicities, with great potential for approach, but still little explored in textbooks, therefore, in classrooms.

Keywords: Language and languages - Variation. Portuguese language (High School) - São Francisco do Conde (BA). Portuguese language - Grammar.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Sumário da obra (vol.1)	27
Figura 2	Sumário da obra (vol.2)	28
Figura 3	Sumário da obra (vol.3)	29
Figura 4	Língua e variação linguística	30
Figura 5	Variação histórica ou temporal	31
Figura 6	Gírias	31
Figura 7	Jargão	31
Figura 8	Variação social	32
Figura 9	Variações regionais	32
Figura 10	Adequação linguística	33
Figura 11	Variedades urbanas de prestígio	34
Figura 12	Pra começar	35
Figura 13	Modalidades da língua	35
Figura 14	Caso das faixas de rua de Maringá: discussão da noção de erro	36
Figura 15	Desobedecer norma culta não é erro	37
Figura 16	Sírio Possenti	38
Figura 17	Marcos Bagno	39
Figura 18	Celso Pedro Luft	40
Figura 19	Variedades urbanas de prestígio	41
Figura 20	Variação regional	42
Figura 21	Variedades urbanas de prestígio	43
Figura 22	Exercício 1	44
Figura 23	Exercício 2	45
Figura 24	Sumário da obra (vol.1)	46
Figura 25	Sumário da obra (vol.2)	47
Figura 26	Sumário da obra (vol.3)	48
Figura 27	Variedades linguísticas	49
Figura 28	Que língua é essa?	50
Figura 29	Caldeirão de povos	51
Figura 30	Norma padrão	52
Figura 31	Variedades Linguísticas II	53
Figura 32	Exercício	54
Figura 33	Exercício	55
Figura 34	Exercício	56

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	12
2	**GRAMÁTICA E LIVRO DIDÁTICO: NOÇÕES PRELIMINARES**	14
2.1	GRAMÁTICA	14
2.2	LIVRO DIDÁTICO	17
2.3	PCN DO ENSINO MÉDIO	19
3	**ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE**	21
3.1	SOCIOLINGUÍSTICA	21
3.2	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	22
3.3	PRECONCEITO LINGUÍSTICO	24
4	**ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICO DE PORTUGUÊS**	26
4.1	SE LIGA NA LÍNGUA	26
4.2	PORTUGUÊS: TRILHAS E TRAMAS	46
5	**CONCLUSÃO**	58
	REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

As variedades do português demonstram que a língua portuguesa possui grande diversidade, assim como todas as línguas. Essa multiplicidade é influenciada por fatores geográficos, diatópicos, sociais e diastráticos. Porém, muitas vezes essa condição é desconsiderada, enxergando o português como homogêneo. Levando a variedade padrão a ser ensinada nas escolas em detrimento das outras, assim diminuindo esse acesso e aumentando os preconceitos.

O ensino de gramática na área educacional, infelizmente, em sua maioria, continua sendo prescritivo. Há a vertente que apoia o respeito às variedades linguísticas populares por considerarem sua língua tão eficiente quanto a língua padrão para a comunicação. E outra que argumenta a imprescindibilidade do aprendizado da variedade prestigiada para utilizá-la como arma essencial de luta, em combate às desconformidades sociais e culturais. Logo, o livro didático exerce função fundamental no trabalho em sala de aula do profissional de português e disseminar saberes a respeito da língua, princípios e valores, frequentemente, aos estudantes sem questionamentos. Tornando professores e alunos dependentes desse material.

Assim, segundo Geraldi (1991, apud SILVA, PILATI e DIAS, 2010, p. 977), “a ilusão de um ensino democrático, precarizou ainda mais a situação da escola, e o meio encontrado para resolver o problema do professor foi a obtenção e utilização do livro didático”. Dessa maneira, os participantes do sistema educacional são reduzidos a simples instrumentos de repetição.

Nos espaços sociais, os falantes reproduzem e modificam esses espaços, pois eles representam, estruturam e passa seus pensamentos. Dessa forma, existe, entre a educação e a sociolinguística, uma ligação. Logo entende-se a escola como um dos centros divulgadores, qualificadores, apresentadores, criadores de pensamentos e convicções sobre o mundo.

Como campo amostral utilizou a cidade de São Francisco do Conde- BA. O terceiro município do Recôncavo e preserva um imenso patrimônio histórico da era Colonial, como as arquitetônicas dos sobrados, igrejas e engenhos. O município se encontra na zona litorânea, com a presença da Mata Atlântica e riquíssimos manguezais. A economia antes fundamentada nas plantações de cana de açúcar que deram início ao desenvolvimento, atualmente é sustentada pela extração, o

refino e o processamento do petróleo. Segundo a revista Exame (2017), São Francisco do Conde possui uma renda per capita de R$ 219.845, com 39.329 habitantes e ocupa a oitava posição entre as cidades mais ricas do Brasil.

A cidade, por ser pequena dispõe, de duas escolas de ensino médio. O Colégio Estadual Martinho Salles Brasil está localizado na área urbano, Rua Rodolfo Tourinho, bairro: centro, no CEP: 43900-000 e telefone: (71) 3651-1107. No ano de 2018 detinha 887 estudantes no ensino médio regular, 513 na Educação jovens e Adultos e 10 alunos na Educação Especial. Por esse motivo, o ensino é voltado para as comunidades do centro e adjacências. Já o Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho, encontra-se na zona rural, Rua do Asfalto, distrito: Caipe de Baixo, CEP: 43900-000, telefone: (71) 3651-2885. Em 2018, possuía no ensino médio regular 503, Educação de Jovens e Adultos 189 e na Educação Especial 7**.** Desse modo, abarcar os distritos mais distantes do centro da cidade,

A partir dessa visão, tem-se o propósito de analisar as propostas de duas coleções de livros didáticos, logo comparar os métodos empregados nas escolas. Os estudos focaram em *Português: trilhas e traumas*, das autoras Graça Sette, Márcia Travalha, Ivone Ribeiro e Rozário Starling, da editora Leya, 2016, em utilização no colégio Anna Junqueira e do manual *Se liga na língua*: *literatura, produção de texto, linguagem*, dos autores Wilton Ormundo e Christiane Siniscalchi, da editora Moderna, 2016, em uso no colégio Martinho Salles, ambas as coletâneas são do 1°, 2° e 3° anos do Ensino Médio Público, das escolas de São Francisco do Conde. Foram examinados, especialmente, trechos do sumário, definições e atividades referentes às variedades linguísticas.

A primeira parte do presente trabalho, terá uma introdução acerca da gramática e do livro didático; na segunda, a Sociolinguística como área da linguagem que estuda a utilização da língua na sociedade; na terceira parte, abordagens quanto às variedades linguísticas, destacando seus fatores, ideias e preconceitos; na quarta parte, observamos o livro didático, com o objetivo de notar como são abordadas as variedades linguísticas. Finalizando, temos a conclusão, ressaltando pontos significativos das análises.

2 GRAMÁTICA E LIVRO DIDÁTICO: NOÇÕES PRELIMINARES

O livro didático é, e ainda continua sendo, um dos instrumentos mais empregados pelos profissionais de qualquer área da educação, logo constitui uma ferramenta indispensável no processo de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. Deste modo, entende-se que o material desempenha forte interferência no modo do docente dirigir sua aula e, também, como os estudantes compreendem suas temáticas, principalmente, na gramática. No decorrer deste capítulo pretende-se demonstrar as concepções iniciais acerca do assunto.

2.1 GRAMÁTICA

Quando falamos em linguagem, temos que considerar que

> Por natureza racional, dotado de linguagem, o animal homem estrutura seu pensamento em cadeias faladas. Codifica-as e decodifica-as porque, independentemente de alguém que anuncie isso, ele é senhor das regras que regem a combinação dos elementos das cadeias que tem a faculdade de produzir. A partir dessa faculdade que lhe dá sua natureza, o homem cumpre sua vocação de animal político (zôon politikón) comunicando-se com voz articulada que produz sentido e, assim, criando uma sociedade política (NEVES, 2002, p. 17-18).

Embora o homem possa ser visto como um “animal político” e “senhor das regras que regem a combinação dos elementos das cadeias que tem a faculdade de produzir”, a sociedade política ainda situa o ensino de língua na distinção entre os que falam bem e os que falam mal o português.

Conforme aponta Uchôa (2016, p. 20), o ensino de língua portuguesa em nosso país voltou-se primordialmente para “os conteúdos gramaticais, até mesmo por razões históricas conhecidas, como a influência do ensino do Latim, de longa tradição entre nós, com sua orientação essencialmente gramatical”.

Precisamos, então, conceituar o que é ‘gramática’ e como a escola apropria-se de seu ensino. Segundo Travaglia (2009, p.24-30), podemos dar três sentidos para ‘gramática’. Primeiramente, a gramática pode ser concebida como um manual de regras do bom uso da língua para se chegar a uma boa expressão, normalmente rotulada como “gramática normativa”, sendo gramatical “aquilo que obedece, que segue as normas do bom uso da língua, configurando o falar e escrever bem”

(TRAVAGLIA, 2009, p. 24). A segunda concepção de gramática tem sido chamada de “gramática descritiva”, pois há o interesse de descrever a estrutura e o funcionamento da língua, de sua forma e função. Gramatical, portanto, é aquilo que “atende às regras de funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística. O critério é propriamente linguístico e objetivo [...]” (TRAVAGLIA, 2009, p. 27). A terceira concepção de gramática é chamada de “gramática internalizada”. Nesse tipo, considera-se a língua como “um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação de interação comunicativa em que o usuário está engajado” e a gramática será “o conjunto das regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (TRAVAGLIA, 2009, p. 28).

A partir da conceituação de ‘gramática’, pode-se elencar diferentes tipos para o ensino de língua materna e “que o trabalho com cada um desses tipos pode resultar em trabalhos (atividades) completamente distintos em sala de aula para o atendimento de objetivos bem diversos” (TRAVAGLIA, 2009, p. 30). Os conceitos de ‘gramática’ que abordamos acima já anunciam alguns tipos, como:

- Gramática Normativa: tem como base a padronização da língua, por meio de regras para se escrever e falar corretamente. Muito usada ainda nas salas de aulas, não refletindo aspectos históricos e socioculturais dos falantes;

- Gramática Descritiva: explora os conjuntos de prescrições com suas variações linguísticas, através do estudo dos acontecimentos linguísticos, sem levar em consideração as percepções de certo e errado;

- Gramática internalizada: é o objeto de estudo dos dois tipos apontados acima, sendo o próprio mecanismo ou conjunto de regras que é dominado pelos falantes.

As escolas têm como base de ensino do português a gramática normativa, que não possui representatividade do falar nacional. Esse tipo de gramática

estabelece regras para a preservação da língua nas modalidades da escrita e da fala.

O debate a respeito do termo “norma” surge com a questão de quem tem o poder e a atribuição para definir o que é “certo e errado” no uso de língua no ambiente escolar e fora dele. No entanto, essa perspectiva de uma língua segmentada e pronta já é contestada pelos linguistas.

Segundo Bechara (2009, p. 22) “a norma contém tudo o que na língua não é funcional, mas que é tradicional, comum e constante, ou, em outras palavras, tudo o que se diz “ assim, e não de outra maneira”. É o plano de estruturação do saber idiomático que está mais próximo das realizações concretas. O sistema e a norma de uma língua funcional refletem sua estrutura”. Consequentemente, a norma não espelha o ambiente linguístico.

A norma linguística reflete a variedade utilizada pela classe prestigiada de um povo, tornando o padrão real daquela comunidade o padrão ideal para os demais, já que

> Uma variedade-padrão desempenha uma função objetiva, a de servir como quadro de referência para toda forma de expressão. Isso significa que a variedade-padrão fornece uma norma codificada que consiste, em última análise, em uma medida de correção e, em consequência, os falantes em geral são julgados em termos de sua conformidade ou desvio em relação a essa norma (CAMACHO, 2014, p. 46).

Logo, a norma padrão representa os princípios gramaticais que devem ser seguidos para o bom uso do português. Em contrapartida, a norma culta retrata um grupo de princípios gramaticais identificados na prática comunicativa da língua, pela comunidade de falante cultos, sujeitos da zona urbana e com formação superior.

Desse modo,

> Tem-se, com isso, uma duplicidade de conceitos abrigados sob o mesmo rótulo de “norma culta”: um conceito normativo, isto é, de como a língua “deve ser”, e um conceito que se aplica ao que é normal na língua (ou mais precisamente numa variedade específica da língua, a dos cidadãos urbanos mais letrados), isto é, como a língua “é” de fato. (BAGNO & ERGON, 2005, p. 72)

Nesse sentido, a língua é vista como homogênea ao prestigiar uma variedade e as outras serem consideradas erradas. Entretanto, o ensino de gramática demanda uma pedagogia associada a dois eixos: o oral, a aquilo que o aluno traz,

do seu seio familiar; e a escrita, demonstrando que existem determinados gêneros textuais e contextos que as regras, existentes, requerem aplicação.

O ensino- aprendizagem exige não a mera memorização de prescrições, mas sim uma concretização mediante a valorização dos letramentos possuídos. E esse ensino perpassa pelo livro didático, na maioria das vezes.

2.2 LIVRO DIDÁTICO

O livro didático funciona como registro da história da educação. Mas é, também, “um poderoso instrumento para fixar e assegura uma determinada postura educacional, veículo privilegiado para inculcar normas e ortodoxias. [...] uniformizar o saber escolar, de construir uma forma de pensar a ciência e reforçar a disseminação de crenças religiosas oficiais” (BITTENCOURT, 1993, p. 77).

Sua origem está na Grécia e passa por grandes transformações durante as épocas. Chega ao Brasil no período imperial, importados da França, por ser vista como referencial.

Já na era moderna, com a crise econômica de 1930, o governo Getúlio Vargas investe na produção brasileira de livros, iniciando assim o desenvolvimento de um mercado de material didático do país.

Em 1938, são criadas a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD) e Comissões Estaduais de Livros Didáticos (CELD), proporcionando ao governo Vargas o domínio completo pela elaboração e compartilhamento desses materiais pelo país, favorecendo a intervenção do governo no conteúdo dos paradidáticos. De início, as produções desses manuais eram executadas por personalidades da época, e sem formação nas áreas de ensino. A utilização desses livros era feita por até cinquenta anos, logo, descontextualizados da realidade dos estudantes.

Essa perspectiva muda na década de 1960, passando a serem construídos por profissionais da área e ano correspondente. Com a nova Lei Nacional de Diretrizes e Bases da Educação, em 1996, com o intuito de reformular o currículo brasileiro e aplicar políticas de análise. O PNLD, de acordo com Panfleto Informativo PNLD/ FNDE (2002), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) foi estabelecido em 1985 pelo MEC. Com a meta de difundir, paulatinamente a utilização do paradidático. E por seu intermédio, há o fornecimento gratuito dos materiais selecionados pelos docentes, aos estudantes de instituições públicas de áreas

urbanas e rurais do Brasil (Silva, 2012). A obtenção das obras acontece por meio de uma avaliação realizada antes da compra e, posteriormente, sua distribuição, aquisição. Assim, após a seleção, a instituição recebe os manuais didáticos escolhidos a serem aplicados, postura antes não adotada pelo governo.

Após dezoito anos, o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) é constituído, como prolongamento do PNLD, a fim de englobar todo o ensino médio na educação básica, através do compartilhamento dos materiais didáticos.

A vida útil desses livros em sala de aula tinha em média cinquenta anos e eram escritos por indivíduos de notoriedade na época, mesmo sem formação na área.

O manual didático é um dos mecanismos de ensino mais empregados em sala de aula, pelos professores e alunos, tornando-se, muitas vezes, a única ferramenta didática adotada no espaço de letramento. Por isso, para Silva (2012, p. 805) “[...] o livro didático já é um instrumento de destaque excessivo no cotidiano das salas de aula, credita-se a ele também responsabilidades adicionais como a de formação do professor”.

Embora não deva ser o único meio empregado no desenvolvimento do ensino-aprendizagem, o material deve estar contextualizado com as necessidades pedagógicas do ambiente escolar e

> A grande capacidade que editores e autores demonstraram ao longo da história da educação brasileira de adaptar o livro didático às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas é um dos fatores que justifica a sua permanência como parte integrante do quotidiano escolar de várias gerações de alunos e professores (SILVA, 2012, p. 805).

As editoras adquiriram com o passar dos tempos grande poder sobre a produção dos paradidáticos, em acordo com o Estado. Segundo Bittencourt (1993, p. 77), “as editoras, ao conquistarem o direito de fabricar e divulgar o livro didático, trata de transformá-lo em uma mercadoria inserida na lógica capitalista”, tornando-se um lucrativo comércio com a compra de grande quantidade de obras e volumes pelo Ministério da Educação (MEC).

Podemos considerar, também, que “os livros didáticos, impulsionados sobretudo pelo PNLD, são responsáveis por sessenta por cento de todo o faturamento da indústria livresca no Brasil” (SILVA, 2012, p. 810). Para isso, as editoras buscam alcançar a predileção dos educadores como forma de assegurar um índice de venda considerável, pois são os professores que os escolhem. Em conformidade com Gimeno Sacristán (1995, p. 83 e 84), consoante afirmado por Cassiano (2007, p. 8):

> Os editores são ao mesmo tempo agentes culturais e empresários, mas “ a complexidade e a concentração de capital inclinam a balança para o lado do papel do empresário em detrimento do papel do agente cultural”, pois sendo o objetivo principal das editoras a sobrevivência.

Logo, prioriza-se o lucro em detrimento da qualidade do material. Entretanto, os conteúdos dos livros devem atender as particularidades e múltiplas realidades de cada região, ou seja, não podem ser descontextualizados, apenas focados na cultura hegemônica.

2.3 PCN DO ENSINO MÉDIO

O PCNEM possui diretrizes que têm como objetivo produzir uma instituição média identitária, que responda aos anseios de ensino e qualificação dos estudantes no contexto atual.

No processo de ensino-aprendizagem, a natureza dialógica das linguagens estabelece uma perspectiva que ultrapassa o ato comunicativo breve e rápido. Os significados pertencentes a cada especificidade precisam ser resgatados, por meios de análises social, histórica e cultura de alegorias do dia a dia.

A norma-padrão necessita ser considerada uma variante linguística de um grupo social específico e sua relevância deve ser a partir de situações como manifestações sociais. A valorização de certas expressões permite a legitimação de algumas comunidades sociais, por simbolizar socialmente o poder aquisitivo e sua representação.

O PCNEM (2000) afirma que “a linguagem, na escola, passa a ser objeto de reflexão e análise, permitindo ao aluno a superação e/ ou a transformação dos significados veiculados”. Logo, a escola passa a ter papel fundamental no

aprendizado e no saber crítico de seus discentes perante o mundo. E “o importante é que o aluno saiba analisar as especificidades, sem perder a visão do todo em que as particularidades têm um sentido socialmente construído”. A percepção de mundo de cada estudante dependerá do seu contexto histórico e cultural.

As linguagens representam ferramentas importantes para o respeito e conservação das diversidades. O aluno precisa entender que as linguagens servem como forma de proteção aos reconhecimentos de grupos sociais populares e que permitem a essas organizações a luta por seus espaços diante as instituições de poder:

> O conhecimento, a análise e o confronto de opiniões sobre as diferentes manifestações da linguagem devem levar o aluno a respeitá-las e preservá-las como construções simbólicas e representações da diversidade social e histórica. As linguagens se utilizam de recursos expressivos próprios e expressam, na sua atualização, o universal e particular. Pertencer a uma comunidade, hoje, é também estar em contato com o mundo todo. As práticas sociais deverão estar cada vez mais próximas da unidade para os fins solidários. (PCNEM, 2000, p. 9)

O conhecimento das manifestações provoca a eliminação dos preconceitos pelas representações e propicia o respeito de ambas as partes, como forma de compreender o agora e arquitetar o futuro. Assim, o PCNEM (2000) destaca que o aluno, ao compreender a linguagem como interação social, amplia o reconhecimento do outro e de si próprio, aproximando-se cada vez mais do entendimento mútuo:

> Os PCN “adotam uma perspectiva sociointeracionista da linguagem. Segundo essa perspectiva”, a língua é um sistema de signos histórico e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade. Assim, aprendê-la é não só conhecer as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio social entendem e interpretam a realidade a si mesmas”. Seguindo essa concepção de língua, o documento se coloca contrário ao ensino prescritivo que se centra na repetição de nomenclaturas gramaticais como eixo principal e desvinculado de um contexto de uso. (PCN, 1998, p. 24, apud SILVA, PILATI e DIAS, 2010, p. 977)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental e Médio priorizam não somente o aprendizado adquirido e produzido na escola, mas, também, aquele obtido no seio familiar. Pois, é a partir da família que acontece o primeiro contato do indivíduo com a língua. Porém, nas realidades escolares esses parâmetros não são implementados e exercidos. Na sequência, serão abordados temas pertinentes ao campo da variação linguística.

3 ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA SOCIEDADE

A Língua Portuguesa, assim como todas as línguas, não é homogênea. Ela sofre transformações, sendo influenciada pelas classes sociais, idade, região, gêneros, etc., exercendo forte influência nas falas dos indivíduos na sociedade. Dessa maneira, os estudos Sociolinguísticos promovem discussões acerca da variação linguística.

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística tem papel fundamental no estudo da língua, pois aborda a natureza heterogênea como forma do resultado das imposições sociais, como também das variadas maneiras do falante se comunicar. Por isso, a sociolinguística abrange fatores como a história, ideologia, cognição e a cultura.

As áreas da sociolinguística e da linguagem, do ponto de vista do uso, estão indissociáveis, pois há uma associação entre a sociedade e a língua. Relacionam-se o funcionamento intrínseco da estrutura linguística, quanto a Morfologia, Semântica, Fonologia e Sintaxe mais, também, noções extrínsecas relativas, principalmente, Pragmática, Sociolinguística, Estilística, Análise do Discurso, Sociologia e Etnografia (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2017). Assim, o falar do indivíduo é composto por condições linguísticas e sociais, essenciais para a comunicação em variadas esferas sociais.

O foco no uso social da língua, de acordo com Campoy e Almeida (2005), compreende as seguintes características:

> A língua serve as necessidades dos seres humanos, sendo um instrumento de interação social; (b) existe uma competência comunicativa que o sujeito tem para interagir socialmente através da linguagem; (c) existem cenários onde a interação linguística acontece; e, por fim, (d) existem objetivos para que aconteça a comunicação.

Em um ensino igualitário, todas as variantes do português necessitam ser discutidas nas salas de aula. A variedade padrão deve ser aprendida para ser usada com propriedades no questionamento dos lugares na sociedade, pois

> [...] a escola deve funcionar como instrumento de transformação da sociedade e o trabalho escolar deve incluir “as variantes conviventes em nível de igualdade e de interesse, sem escamotear para os alunos as avaliações sociais para cada uma dela. (SILVA,1997, p. 27, apud, SILVA, PILATI e DIAS, 2010, p. 979)

Possenti (1996, p. 70) adota a hipótese de que se deve conceber a língua como algo internalizado, ou seja, de que existe “uma gramática na mente dos falantes que funciona como a fonte das formas linguísticas produzidas”. Na visão do autor, não deve ser ensinada apenas uma variante, mas a produção de meios para que os alunos possam ter acesso às demais. Para Neves (2002), o ambiente educativo, em concordância com a concepção funcionalista da língua, devem ser abordadas nas circunstâncias de criação e para a comunicação. Os elementos gramaticais necessitam ser analisados à luz do cenário comunicativo, contextualizadas, e não simplesmente a sentença por si só.

A administração escolar demanda uma metodologia norteada a oportunizar a prática e a vivência que garanta ao aprendiz competência e propriedade linguística, possível de assegurar a elaboração de enunciados pertinentes aos espaços de interações comunicativas.

3.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O Brasil possui uma dimensão territorial continental, propiciando uma grande variação da língua com modos de se falar distintos.

A língua é, em sua essência, heterogénea e mutável, pois está veiculada ao meio social. Infelizmente, algumas variedades são estigmatizadas em função da língua padrão e das classes prestigiadas.

No ambiente escolar, quem destoa desse padrão é classificado como um falante que comete “erros” ou possui “deficiência linguística”. A norma padrão é enaltecida, conforme apontam Sene, Silva & Araújo (2017, p.2), como “algo homogêneo e uniforme, propagando, consequentemente, o preconceito linguístico e a diferença de prestígio pela linguagem”. Ainda segundo esses autores, a criança ao ser encaminhada para o convívio escolar, traz consigo conhecimentos internalizados da variedade linguística usada em seu núcleo familiar, ou seja, sua língua materna.

No entanto:

> Esse aspecto é, na maioria das vezes, ignorado ou despercebido pelo professor, que adota uma postura conservadora, permanecendo arraigado a uma prática docente que consiste quase sempre apenas no ensino normativo da gramática, em uma perspectiva prescritiva, impondo um conjunto de regras que deve ser seguido. (PESSOA & SILVA, p. 3)

Os linguistas já trazem a visão de que a escola deve respeitar e introduzir essas variações, tanto nos níveis da fala quanto da escrita, nas atividades escolares. Para Dutra (2014, p. 11), "[...] a escola não pode mais se recusar, como fez por muito tempo, a reconhecer essa realidade tangível que a língua possui", pois isso reflete os aspectos socioculturais das comunidades de falantes, e o aprendizado da norma culta escrita é necessária, pois ela sustenta as variedades cultas. Mas, o ensino de outras variedades além das cultas, se faz preciso, de modo que, as demais variedades sociais, também, compõem as realidades de muitos grupos, as quais necessitam de atenção e respeito.

Faraco (2007) declara que para adquirir intimidade com as diversidades culturais, antes de tudo, se faz necessário conectar-se com seus hábitos culturais e sociais de escrita. Desse modo, as complexidades que envolvem a manifestação escrita e formação histórica são indissociáveis. O ensino da categoria culta da língua não advém para que o aluno tenha conhecimento da estrutura linguística, mas sim, em um ensino pautado em assegurar a expansão de seus letramentos. Porém, os obstáculos para especificar e concretizar uma educação constituída por esses padrões de ensino ainda precisam serem superados. Quando superados, seremos obrigados a transpor a fronteira do componente de Língua Portuguesa, tendo em vista que as demais matérias curriculares, elementos do sistema de escrita, também, são letradoras.

Segundo os PCNEM, algumas habilidades devem ser desenvolvidas no ensino médio tais como:

> Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.
>
> Respeitar e preservar as manifestações da linguagem, utilizadas por diferentes grupos sociais, em suas esferas de socialização; usufruir do património nacional e internacional, com as diferentes visões de mundo; construir categorias de diferenciação, apreciação e criação (2000, p. 6 e 14).

Nesse sentido, todas as maneiras de linguagem precisam estar englobadas e ensinadas nas escolas como meio de incutir nos alunos os sentimentos de defesa e respeito a todos os modos de fala, pois eles representam comunidades sociais do país.

3.3 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

As variações de uma língua não podem ser menosprezadas em função de outras, pois são sistemas e possuem complexidade. Para Possenti

> Isto significa que não há línguas simples e línguas complexas, primitivas e desenvolvidas. O que há são línguas diferentes. Uma análise de qualquer aspecto de qualquer das línguas consideradas primitivas revelará que as razões que levam a este tipo de juízo não passam de preconceito e/ou de ignorância. Não é decente, neste domínio, basear-se no preconceito ou no "ouvi dizer". (1996, p. 26)

A sociedade tem grande parcela de culpa na produção dos preconceitos, e isso não é diferente com o preconceito linguístico, visto que ela enraíza essas convicções do “falar engraçado” ou “errado” nos sujeitos e as perpetua.

Como origem desse tipo de preconceito, os quais os efeitos ainda estão muito presentes nas sociedades, Camacho (2004) relata que seu surgimento sucede do fim do século XIX, com o movimento evolucionário, Cuja teoria pregava que as heterogeneidades culturais de povos em distintos desenvolvimentos da tecnologia estariam ligados às divergentes etapas de evolução da língua. Por este motivo, quanto mais “atrasado” culturalmente e tecnologicamente uma sociedade se encontrasse, também, seria seu sistema linguístico.

Mas as línguas e suas variações possibilitam aos falantes condições favoráveis para se expressarem sem reservas, criando e compreendendo os enunciados. Consequentemente, “[...] uso da variedade popular, tipo de escrita muito próxima da fala de pessoas simples, é tão eficiente para a expressão artística quanto uma variedade culta trabalhada como se fosse variedade popular” (CAMACHO, 2004, p. 37).

As escolas necessitam, em seu ensino, de políticas de adaptação linguísticas expondo seus discentes a variados ambientes linguísticos, formais e informais, para que não venham se sentir intimidados, pois essa é nossa realidade. PESSOA &

SILVA (s/d) declaram que essa pluralidade constitui a comunicação das classes baixas, preconizadas nos espaços de aprendizagem, os quais resultam das ideologias das camadas sociais altas, pois “no espaço escolar, os próprios alunos não se sentem aptos a se expressarem livremente pois incorrem em erros de gramática, uma vez que não dominam a norma culta exigida pela ordem estabelecida” (PESSOA & SILVA, s/d p, 5).

O ensino de gramática na escrita seguir as normas oficiais, porém o pronunciar natural dos alunos não pode ser tido como errado. É papel da escola e do professor apontar que todas as formas de falar devem ser respeitadas e podem ser utilizadas a depender do contexto.

Corrêa & Almeida (2019) enunciam a possibilidade de eficiência na luta ao preconceito linguístico, a atuação de educadores engajados com a prática pedagógica. O profissional, em particular da área de português, necessita tratar em sala das variedades linguísticas, por meio do teatro, da poesia ou música, esclarecendo aos estudantes as particularidades do português brasileiro. O discente necessita compreender que as variações se referem às maneiras de se falar, mas de modo diferente. Para Corrêa & Almeida (2019), a adoção de uma postura de ensino diferente, perante a variante padrão, fará o estudante entender que sua função no corpo social está vinculada ao controle de diversas maneiras de se falar da mesma informação. Se em sua entrada no colégio, o discente fosse imediatamente inserido nas heterogeneidades linguísticas presentes na sociedade brasileira e instruído como, quando e onde são utilizadas, pode auxiliar no combate ao preconceito e discriminação linguísticos.

Deste modo, na seção seguinte, irá se analisar o livro didático relativo às duas destinadas às coleções do ensino médio.

4 ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS LIVROS DIDÁTICO DE PORTUGUÊS

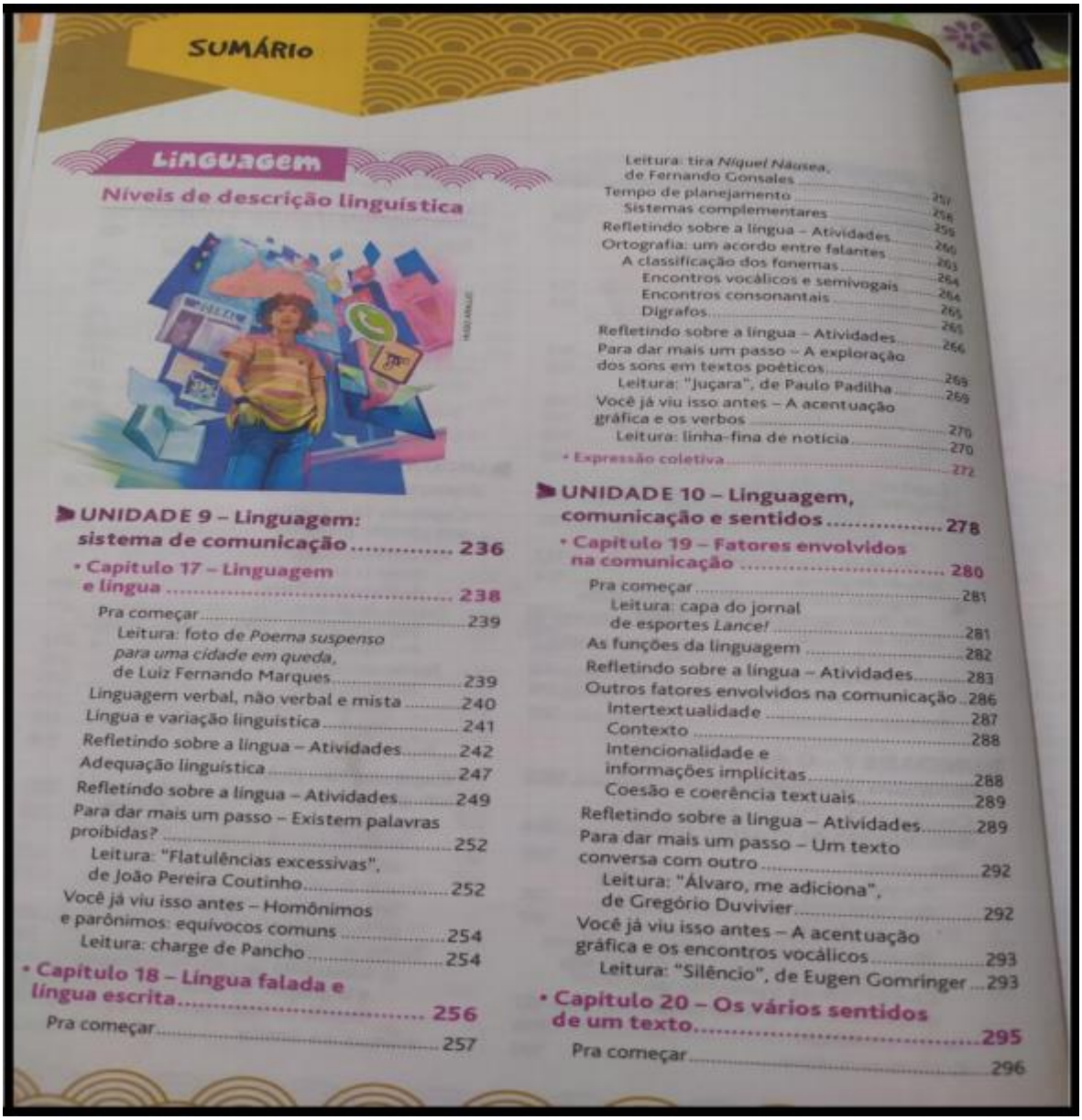
Tendo em vista que a presente monografia tem por intuito verificar as propostas de ensino das variedades linguísticas por meio de duas coleções de manuais didáticos distintos, ocorrerá a análise dos seus sumários e, posteriormente, as definições e exercícios quanto ao ensino das variedades linguísticas.

4.1 SE LIGA NA LÍNGUA

ORMUNDO; SINISCALCHI. Se liga na língua: literatura, produção de texto, linguagem. São Paulo: Moderna, 2016. v. 1-3 (1°, 2° e 3° anos) - PNLD 2018-2020.

A exploração das coletâneas vem com a seguinte questão: existe uma articulação entre os conteúdos que permite uma compreensão meticulosa, significativa e clara acerca da variação linguística?

Figura 1 - Sumário da obra (vol.1)



SUMÁRIO

LINGUAGEM

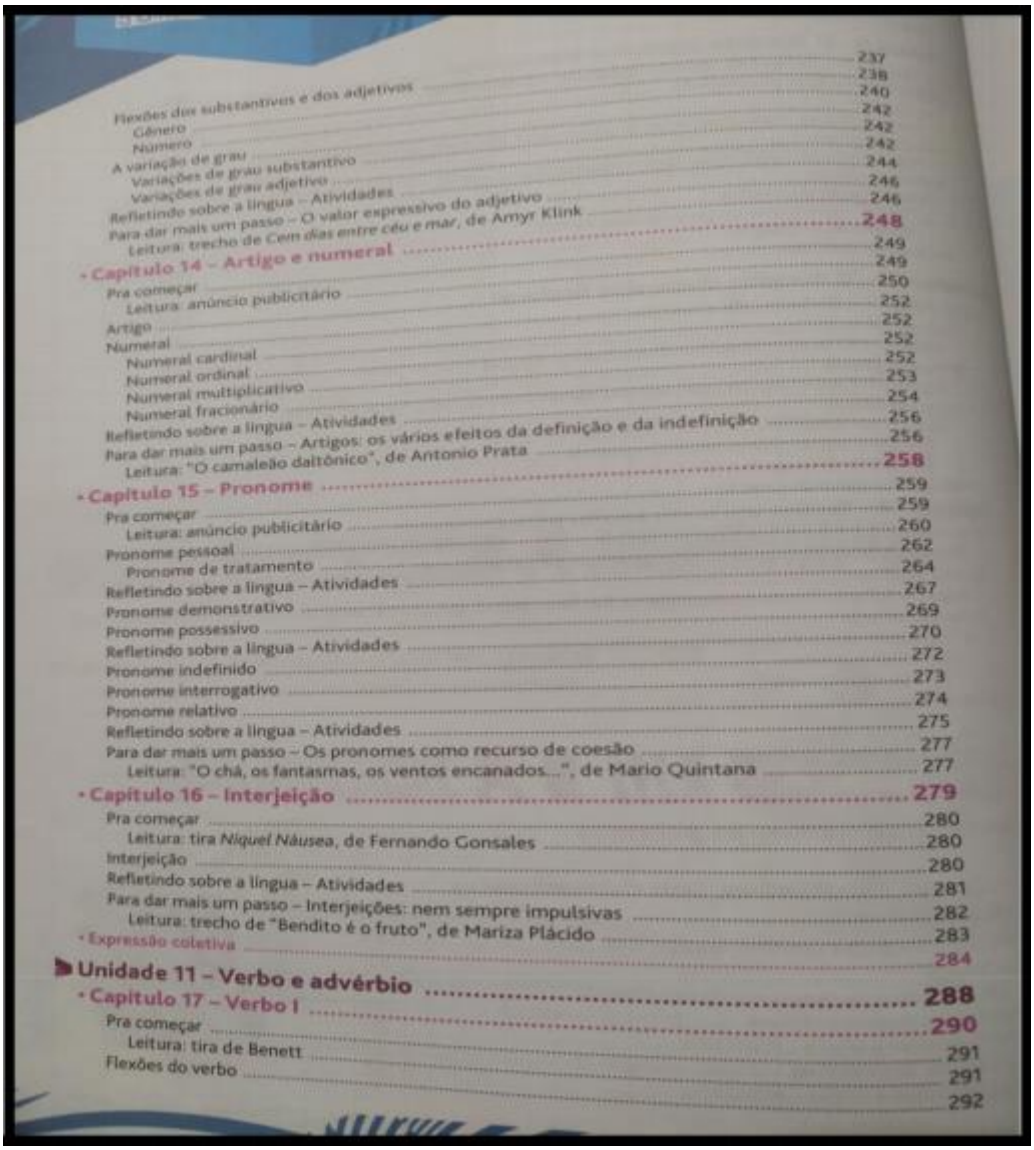
Níveis de descrição linguística

UNIDADE 9 – Linguagem: sistema de comunicação 236
• Capítulo 17 – Linguagem e língua 238
Pra começar 239
Leitura: foto de *Poema suspenso para uma cidade em queda*, de Luiz Fernando Marques 239
Linguagem verbal, não verbal e mista 240
Língua e variação linguística 241
Refletindo sobre a língua – Atividades 242
Adequação linguística 247
Refletindo sobre a língua – Atividades 249
Para dar mais um passo – Existem palavras proibidas? 252
Leitura: "Flatulências excessivas", de João Pereira Coutinho 252
Você já viu isso antes – Homônimos e parônimos: equívocos comuns 254
Leitura: charge de Pancho 254
• Capítulo 18 – Língua falada e língua escrita 256
Pra começar 257
Leitura: tira *Níquel Náusea*, de Fernando Gonsales 257
Tempo de planejamento 258
Sistemas complementares 258
Refletindo sobre a língua – Atividades 259
Ortografia: um acordo entre falantes 260
A classificação dos fonemas 263
Encontros vocálicos e semivogais 264
Encontros consonantais 264
Dígrafos 265
Refletindo sobre a língua – Atividades 265
Para dar mais um passo – A exploração dos sons em textos poéticos 266
Leitura: "Juçara", de Paulo Padilha 269
Você já viu isso antes – A acentuação gráfica e os verbos 269
Leitura: linha-fina de notícia 270
• Expressão coletiva 270
UNIDADE 10 – Linguagem, comunicação e sentidos 272
• Capítulo 19 – Fatores envolvidos na comunicação 278
Pra começar 280
Leitura: capa do jornal de esportes *Lance!* 281
As funções da linguagem 281
Refletindo sobre a língua – Atividades 282
Outros fatores envolvidos na comunicação 283
Intertextualidade 286
Contexto 287
Intencionalidade e informações implícitas 288
Coesão e coerência textuais 288
Refletindo sobre a língua – Atividades 289
Para dar mais um passo – Um texto conversa com outro 289
Leitura: "Álvaro, me adiciona", de Gregório Duvivier 292
Você já viu isso antes – A acentuação gráfica e os encontros vocálicos 292
Leitura: "Silêncio", de Eugen Gomringer 293
• Capítulo 20 – Os vários sentidos de um texto 293
Pra começar 295
296

Ao examinar o volume 1, destinado ao 1° ano do Ensino Médio, figura 1, verificou-se que de seis capítulos destinados ao subgrupo “Linguagem”, somente dois, o capítulo 17, intitulado “Linguagem e Língua”, contém duas pequenas seções que abordam “Adequação Linguística” e outra, diretamente “Língua e Variação Linguística; e o capítulo 18, nomeado “Língua falada e Língua Escrita”, tratam da temática da variação em algum nível da língua.

Em relação aos volumes 2 (figura 2) e 3 (figura 3), destinados ao 2 e 3°anos do Ensino Médio, respectivamente, nota-se que em nenhum dos livros há seções destinadas ao tratamento das variações linguísticas nos sumários.

Figura 2 - Sumário da obra (vol.2)



Flexões dos substantivos e dos adjetivos 237
Gênero 238
Número 240
A variação de grau 242
Variações de grau substantivo 242
Variações de grau adjetivo 242
Refletindo sobre a língua – Atividades 244
Para dar mais um passo – O valor expressivo do adjetivo 246
Leitura: trecho de *Cem dias entre céu e mar*, de Amyr Klink 246
• Capítulo 14 – Artigo e numeral 248
Pra começar 249
Leitura: anúncio publicitário 249
Artigo 250
Numeral 252
Numeral cardinal 252
Numeral ordinal 252
Numeral multiplicativo 252
Numeral fracionário 253
Refletindo sobre a língua – Atividades 254
Para dar mais um passo – Artigos: os vários efeitos da definição e da indefinição 256
Leitura: "O camaleão daltônico", de Antonio Prata 256
• Capítulo 15 – Pronome 258
Pra começar 259
Leitura: anúncio publicitário 259
Pronome pessoal 260
Pronome de tratamento 262
Refletindo sobre a língua – Atividades 264
Pronome demonstrativo 267
Pronome possessivo 269
Refletindo sobre a língua – Atividades 270
Pronome indefinido 272
Pronome interrogativo 273
Pronome relativo 274
Refletindo sobre a língua – Atividades 275
Para dar mais um passo – Os pronomes como recurso de coesão 277
Leitura: "O chá, os fantasmas, os ventos encanados...", de Mario Quintana 277
• Capítulo 16 – Interjeição 279
Pra começar 280
Leitura: tira *Níquel Náusea*, de Fernando Gonsales 280
Interjeição 280
Refletindo sobre a língua – Atividades 281
Para dar mais um passo – Interjeições: nem sempre impulsivas 282
Leitura: trecho de "Bendito é o fruto", de Mariza Plácido 283
• Expressão coletiva 284
Unidade 11 – Verbo e advérbio 288
• Capítulo 17 – Verbo I 290
Pra começar 291
Leitura: tira de Benett 291
Flexões do verbo 292

Figura 3 - Sumário da obra (vol.3)

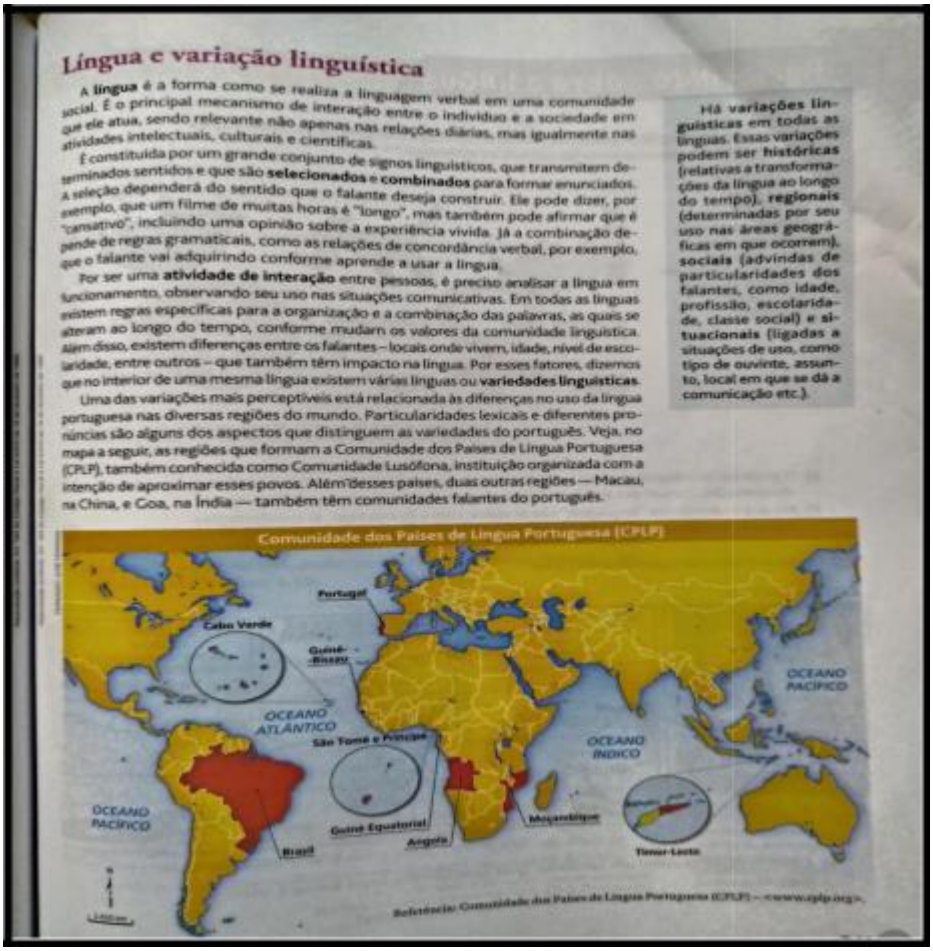
SUMÁRIO

LINGUAGEM

O que é sintaxe?

UNIDADE 9 – Período simples 254
• Capítulo 15 – Introdução aos estudos de sintaxe 256
Pra começar 257
Leitura: tira *Quadrinhos dos Anos 10*, de André Dahmer 257
Os três tipos de enunciado 257
Tipos de frase 258
Estrutura básica da oração: sujeito e predicado 259
Refletindo sobre a língua – Atividades 260
Para dar mais um passo – O valor imperativo expresso em frases não imperativas 262
Leitura: anúncio publicitário de campanha 263
• Capítulo 16 – Sujeito 264
Pra começar 265
Leitura: tira *Garfield*, de Jim Davis 265
Sujeitos simples, composto e oculto 266
Concordância do verbo com o sujeito determinado 268
Refletindo sobre a língua – Atividades 270
Sujeito indeterminado 272
Oração sem sujeito 273
Refletindo sobre a língua – Atividades 274
Para dar mais um passo – Os tipos de sujeito sob a perspectiva semântica 277
Leitura: trecho de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis 277
• Capítulo 17 – Predicado e termos associados ao verbo 279
Pra começar 280
Leitura: trecho de reportagem de João Mathias, da revista *Globo Rural* 280
Predicado verbal 281
Predicado nominal 282
Predicado verbo-nominal 283
Concordância do verbo ser e dos predicativos 284
Refletindo sobre a língua – Atividades 285
Complementos verbais: objetos direto e indireto 287
Objeto direto preposicionado 288
Objetos direto ou indireto pleonásticos 289
Pronome oblíquo como complemento verbal 289
Pronome oblíquo como sujeito 291
Colocação pronominal 291
Adjunto adverbial 292
Refletindo sobre a língua – Atividades 293
Regência verbal 294
Regência de alguns verbos 295
Refletindo sobre a língua – Atividades 296
Para dar mais um passo – Figuras de sintaxe e efeitos expressivos 298
Leitura: "Maresia", de Antonio Cicero 298
• Capítulo 18 – Termos associados ao nome 300
Pra começar 301
Leitura: anúncio publicitário de campanha 301
Complemento nominal 302
Regência nominal 303
Adjunto adnominal 304
Alguns casos de concordância com o adjunto adnominal 305
Refletindo sobre a língua – Atividades 307
Agente da passiva 309
Aposto 310
Vocativo 311
Pontuação no período simples 312
Refletindo sobre a língua – Atividades 313
Para dar mais um passo – Termos caracterizadores e lugar-comum 314
Leitura: "Abraço caudaloso", de Gregório Duvivier 315
• Expressão coletiva 317

Figura 4 - Língua e variação linguística



Língua e variação linguística

A **língua** é a forma como se realiza a linguagem verbal em uma comunidade social. É o principal mecanismo de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, sendo relevante não apenas nas relações diárias, mas igualmente nas atividades intelectuais, culturais e científicas.

É constituída por um grande conjunto de signos linguísticos, que transmitem determinados sentidos e que são **selecionados** e **combinados** para formar enunciados. A seleção dependerá do sentido que o falante deseja construir. Ele pode dizer, por exemplo, que um filme de muitas horas é "longo", mas também pode afirmar que é "cansativo", incluindo uma opinião sobre a experiência vivida. Já a combinação depende de regras gramaticais, como as relações de concordância verbal, por exemplo, que o falante vai adquirindo conforme aprende a usar a língua.

Por ser uma **atividade de interação** entre pessoas, é preciso analisar a língua em funcionamento, observando seu uso nas situações comunicativas. Em todas as línguas existem regras específicas para a organização e a combinação das palavras, as quais se alteram ao longo do tempo, conforme mudam os valores da comunidade linguística. Além disso, existem diferenças entre os falantes – locais onde vivem, idade, nível de escolaridade, entre outros – que também têm impacto na língua. Por esses fatores, dizemos que no interior de uma mesma língua existem várias línguas ou **variedades linguísticas**.

Uma das variações mais perceptíveis está relacionada às diferenças no uso da língua portuguesa nas diversas regiões do mundo. Particularidades lexicais e diferentes pronúncias são alguns dos aspectos que distinguem as variedades do português. Veja, no mapa a seguir, as regiões que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), também conhecida como Comunidade Lusófona, instituição organizada com a intenção de aproximar esses povos. Além desses países, duas outras regiões — Macau, na China, e Goa, na Índia — também têm comunidades falantes do português.

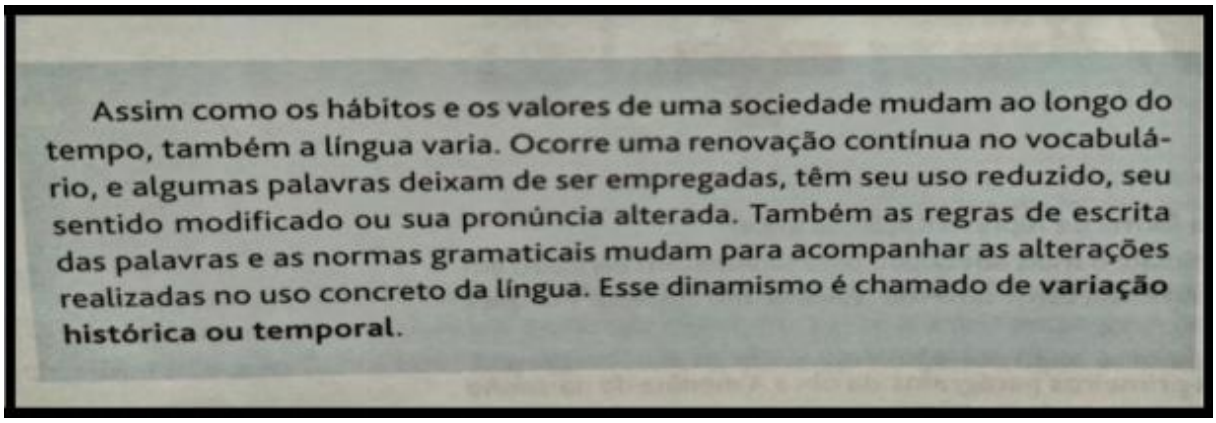
Há variações linguísticas em todas as línguas. Essas variações podem ser **históricas** (relativas a transformações da língua ao longo do tempo), **regionais** (determinadas por seu uso nas áreas geográficas em que ocorrem), **sociais** (advindas de particularidades dos falantes, como idade, profissão, escolaridade, classe social) e **situacionais** (ligadas a situações de uso, como tipo de ouvinte, assunto, local em que se dá a comunicação etc.).

Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)

Observa-se na imagem 4 que os autores iniciam, de maneira detalhada, a seção “Língua e Variação Linguística” trazendo a definição de língua como sendo a maneira de realização da fala de um determinado grupo social, logo uma prática de interação entre os indivíduos. Apresentam sua constituição, formada pelo agrupamento dos signos linguísticos, construindo os enunciados do falante. Aqui, as variedades linguísticas têm causas históricas, regionais, sociais e situacionais e exemplifica com o Português e suas variedades que possuem especificidades lexicais e de pronúncias no Brasil, na CPLP e em outras comunidades de falantes.

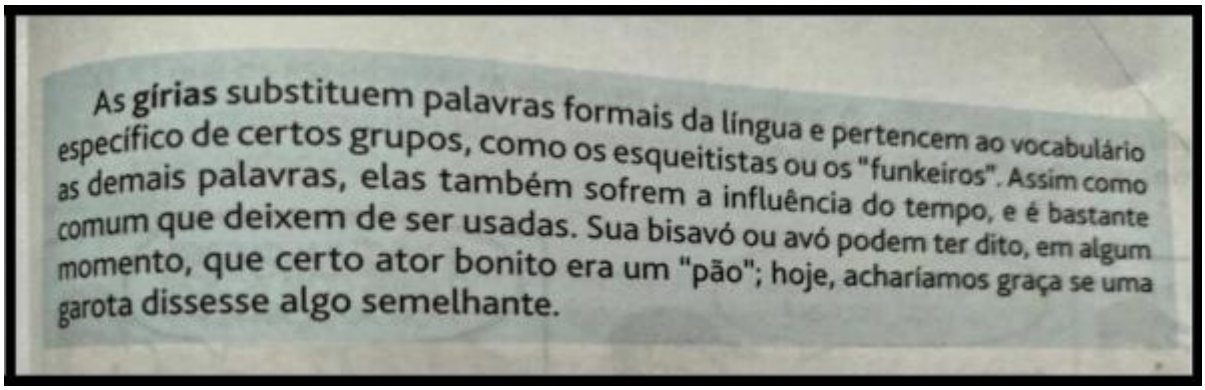
No decorrer desta seção são introduzidos outros conceitos de variação como:

Figura 5 - Variação histórica ou temporal



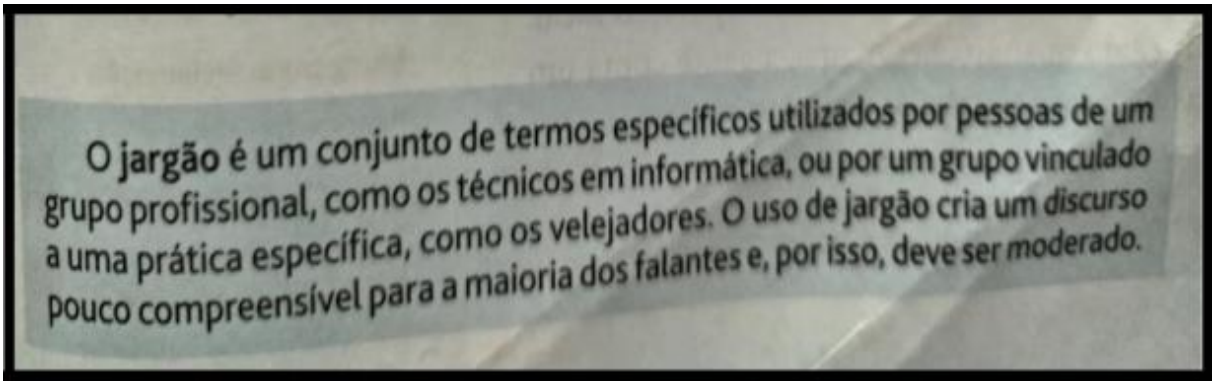
Assim como os hábitos e os valores de uma sociedade mudam ao longo do tempo, também a língua varia. Ocorre uma renovação contínua no vocabulário, e algumas palavras deixam de ser empregadas, têm seu uso reduzido, seu sentido modificado ou sua pronúncia alterada. Também as regras de escrita das palavras e as normas gramaticais mudam para acompanhar as alterações realizadas no uso concreto da língua. Esse dinamismo é chamado de **variação histórica ou temporal**.

Figura 6 - Gírias



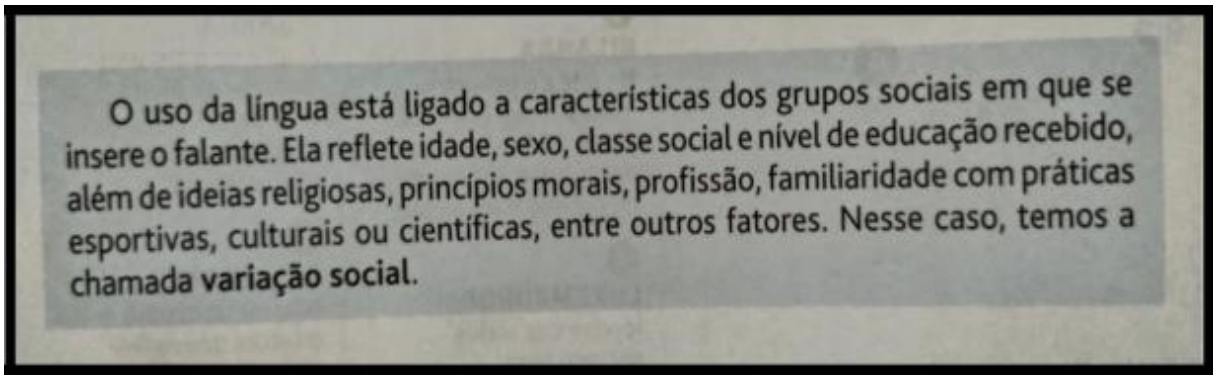
As **gírias** substituem palavras formais da língua e pertencem ao vocabulário específico de certos grupos, como os esqueitistas ou os "funkeiros". Assim como as demais palavras, elas também sofrem a influência do tempo, e é bastante comum que deixem de ser usadas. Sua bisavó ou avó podem ter dito, em algum momento, que certo ator bonito era um "pão"; hoje, acharíamos graça se uma garota dissesse algo semelhante.

Figura 7 - Jargão



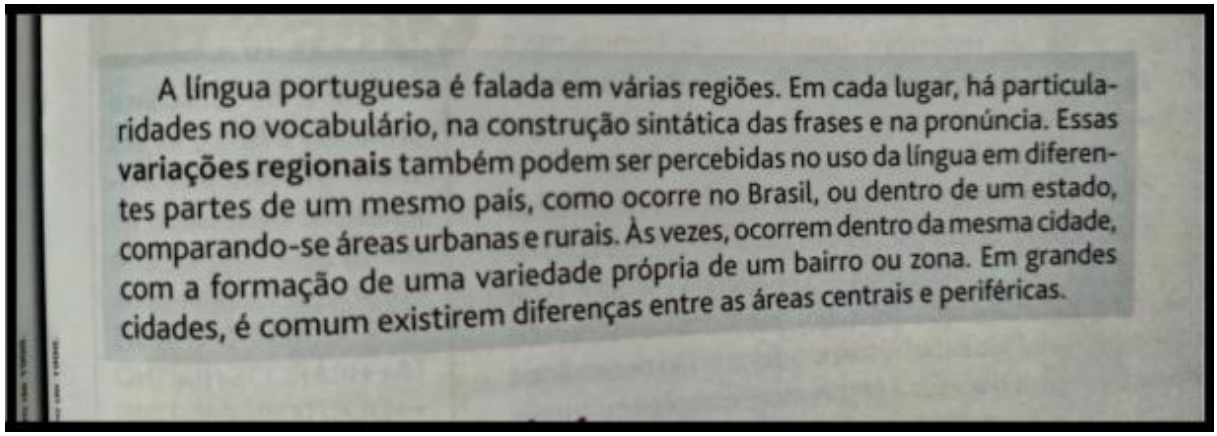
O **jargão** é um conjunto de termos específicos utilizados por pessoas de um grupo profissional, como os técnicos em informática, ou por um grupo vinculado a uma prática específica, como os velejadores. O uso de jargão cria um *discurso* pouco compreensível para a maioria dos falantes e, por isso, deve ser *moderado*.

Figura 8 - Variação social



O uso da língua está ligado a características dos grupos sociais em que se insere o falante. Ela reflete idade, sexo, classe social e nível de educação recebido, além de ideias religiosas, princípios morais, profissão, familiaridade com práticas esportivas, culturais ou científicas, entre outros fatores. Nesse caso, temos a chamada **variação social**.

Figura 9 - Variações regionais

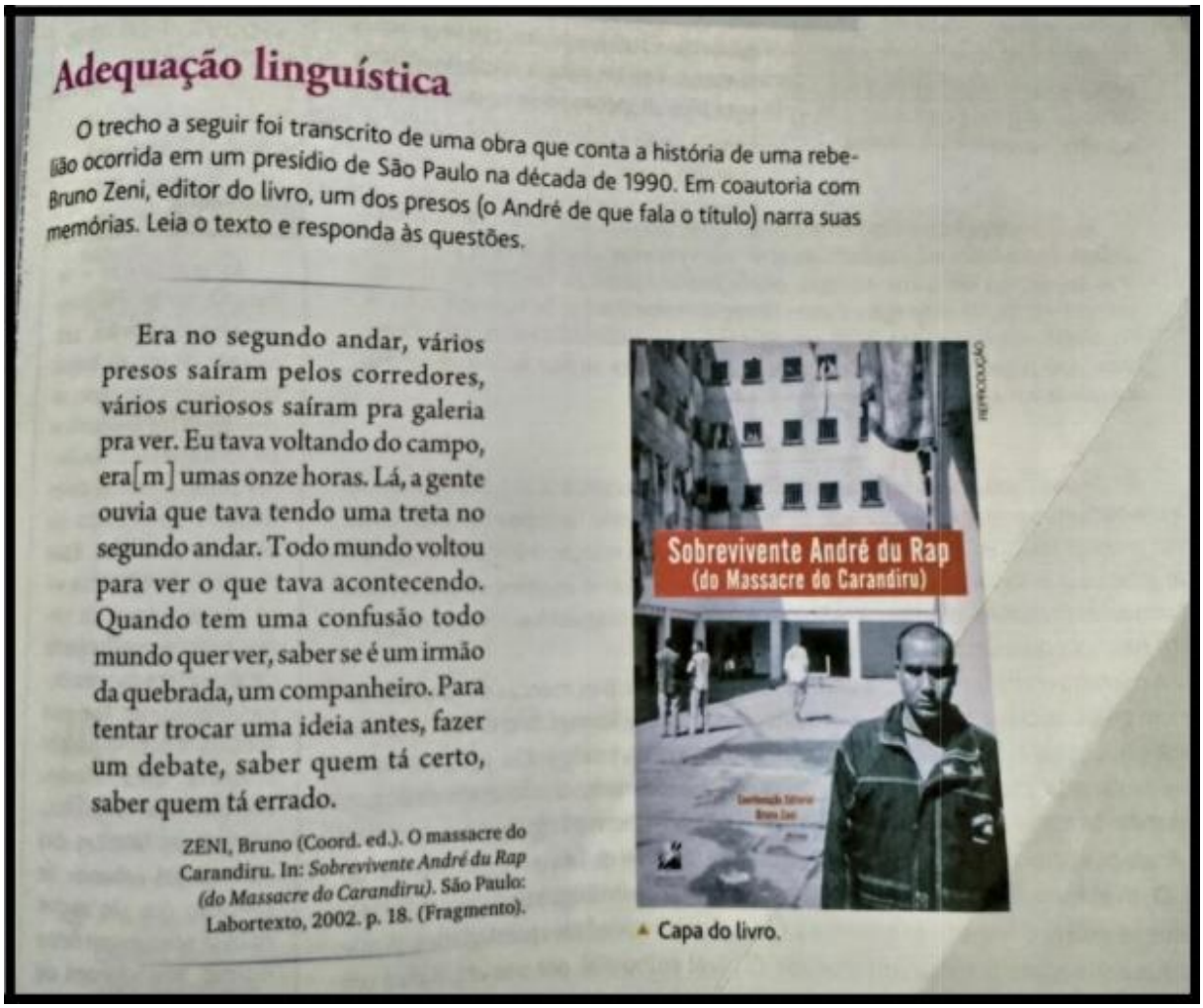


A língua portuguesa é falada em várias regiões. Em cada lugar, há particularidades no vocabulário, na construção sintática das frases e na pronúncia. Essas **variações regionais** também podem ser percebidas no uso da língua em diferentes partes de um mesmo país, como ocorre no Brasil, ou dentro de um estado, comparando-se áreas urbanas e rurais. Às vezes, ocorrem dentro da mesma cidade, com a formação de uma variedade própria de um bairro ou zona. Em grandes cidades, é comum existirem diferenças entre as áreas centrais e periféricas.

São expostos na figura 5 que as línguas variam pelos costumes de uma comunidade. Na figura 6, as gírias são características de alguns grupos que substituem palavras formais da língua. O jargão, figura 7, representa o conjunto de termos próprios usados por sujeitos de uma profissão. A imagem 8 traz que a prática linguística do falante se relaciona a particularidades do grupo social no qual está inserido, sendo reproduzidos por faixa etária, classe social, gênero, escolaridade e outros. Finalizando, no extrato 9, ratifica que a língua portuguesa falada em vários espaços tem suas singularidades que podem ser por região, estado, cidade e mesmo bairro.

Na segmentação “Adequação Linguística”, figura 10, os escritores explanam o assunto introduzindo um pequeno trecho da obra de Bruno Zeni em coautoria com um preso, narrando uma rebelião em um presídio de São Paulo, em 1990, utilizando uma linguagem informal e coloquial.

Figura 10 - Adequação linguística



Adequação linguística

O trecho a seguir foi transcrito de uma obra que conta a história de uma rebelião ocorrida em um presídio de São Paulo na década de 1990. Em coautoria com Bruno Zeni, editor do livro, um dos presos (o André de que fala o título) narra suas memórias. Leia o texto e responda às questões.

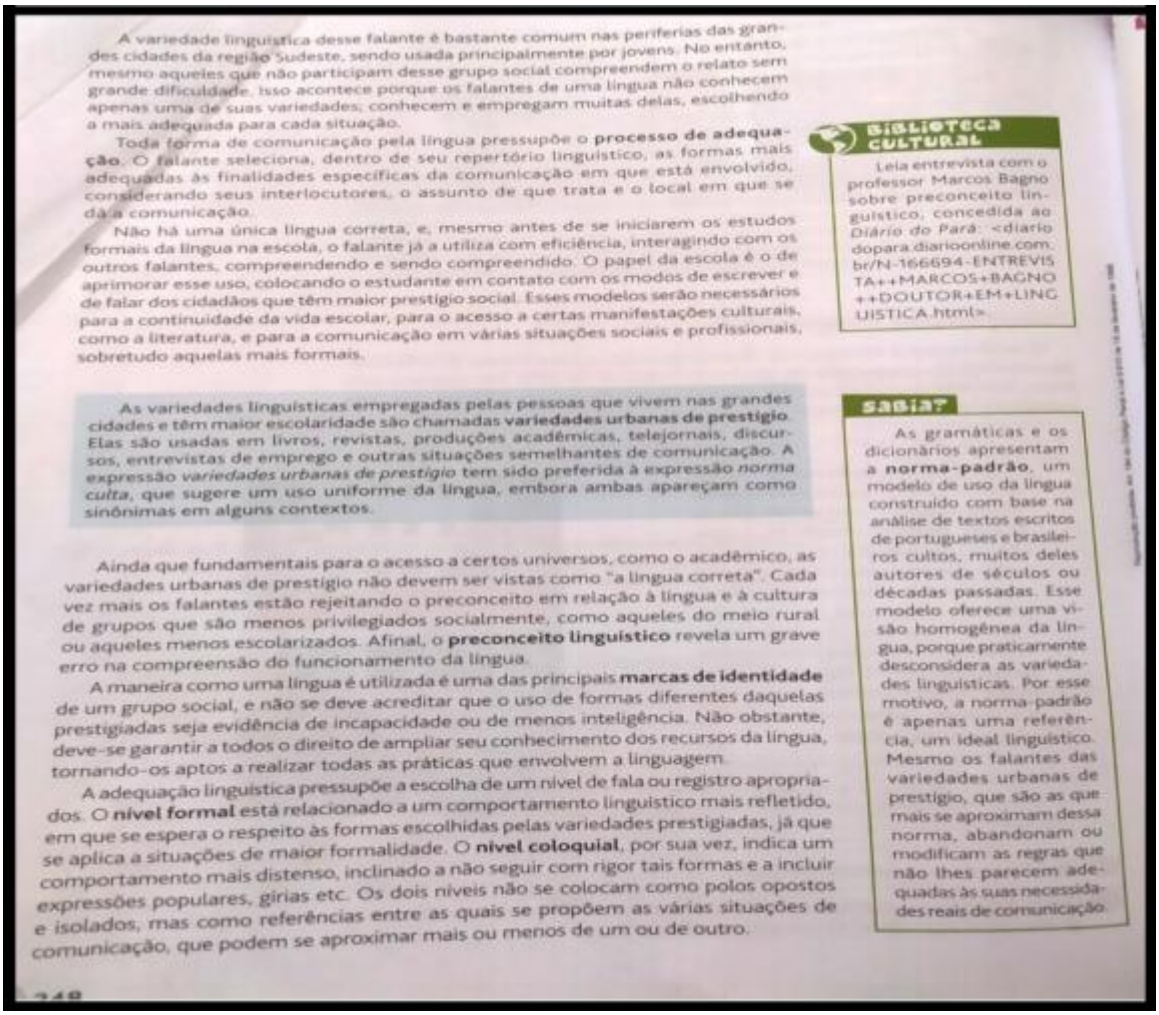
Era no segundo andar, vários presos saíram pelos corredores, vários curiosos saíram pra galeria pra ver. Eu tava voltando do campo, era[m] umas onze horas. Lá, a gente ouvia que tava tendo uma treta no segundo andar. Todo mundo voltou para ver o que tava acontecendo. Quando tem uma confusão todo mundo quer ver, saber se é um irmão da quebrada, um companheiro. Para tentar trocar uma ideia antes, fazer um debate, saber quem tá certo, saber quem tá errado.

ZENI, Bruno (Coord. ed.). O massacre do Carandiru. In: *Sobrevivente André du Rap (do Massacre do Carandiru)*. São Paulo: Labortexto, 2002. p. 18. (Fragmento).

▲ Capa do livro.

Na continuidade da subdivisão, imagem 11, os autores explicitam de forma coerente o tema.

Figura 11 - Variedades urbanas de prestígio



A variedade linguística desse falante é bastante comum nas periferias das grandes cidades da região Sudeste, sendo usada principalmente por jovens. No entanto, mesmo aqueles que não participam desse grupo social compreendem o relato sem grande dificuldade. Isso acontece porque os falantes de uma língua não conhecem apenas uma de suas variedades; conhecem e empregam muitas delas, escolhendo a mais adequada para cada situação.

Toda forma de comunicação pela língua pressupõe o **processo de adequação**. O falante seleciona, dentro de seu repertório linguístico, as formas mais adequadas às finalidades específicas da comunicação em que está envolvido, considerando seus interlocutores, o assunto de que trata e o local em que se dá a comunicação.

Não há uma única língua correta, e, mesmo antes de se iniciarem os estudos formais da língua na escola, o falante já a utiliza com eficiência, interagindo com os outros falantes, compreendendo e sendo compreendido. O papel da escola é o de aprimorar esse uso, colocando o estudante em contato com os modos de escrever e de falar dos cidadãos que têm maior prestígio social. Esses modelos serão necessários para a continuidade da vida escolar, para o acesso a certas manifestações culturais, como a literatura, e para a comunicação em várias situações sociais e profissionais, sobretudo aquelas mais formais.

As variedades linguísticas empregadas pelas pessoas que vivem nas grandes cidades e têm maior escolaridade são chamadas **variedades urbanas de prestígio**. Elas são usadas em livros, revistas, produções acadêmicas, telejornais, discursos, entrevistas de emprego e outras situações semelhantes de comunicação. A expressão *variedades urbanas de prestígio* tem sido preferida à expressão *norma culta*, que sugere um uso uniforme da língua, embora ambas apareçam como sinônimas em alguns contextos.

Ainda que fundamentais para o acesso a certos universos, como o acadêmico, as variedades urbanas de prestígio não devem ser vistas como "a língua correta". Cada vez mais os falantes estão rejeitando o preconceito em relação à língua e à cultura de grupos que são menos privilegiados socialmente, como aqueles do meio rural ou aqueles menos escolarizados. Afinal, o **preconceito linguístico** revela um grave erro na compreensão do funcionamento da língua.

A maneira como uma língua é utilizada é uma das principais **marcas de identidade** de um grupo social, e não se deve acreditar que o uso de formas diferentes daquelas prestigiadas seja evidência de incapacidade ou de menos inteligência. Não obstante, deve-se garantir a todos o direito de ampliar seu conhecimento dos recursos da língua, tornando-os aptos a realizar todas as práticas que envolvem a linguagem.

A adequação linguística pressupõe a escolha de um nível de fala ou registro apropriados. O **nível formal** está relacionado a um comportamento linguístico mais refletido, em que se espera o respeito às formas escolhidas pelas variedades prestigiadas, já que se aplica a situações de maior formalidade. O **nível coloquial**, por sua vez, indica um comportamento mais distenso, inclinado a não seguir com rigor tais formas e a incluir expressões populares, gírias etc. Os dois níveis não se colocam como polos opostos e isolados, mas como referências entre as quais se propõem as várias situações de comunicação, que podem se aproximar mais ou menos de um ou de outro.

BIBLIOTECA CULTURAL

Leia entrevista com o professor Marcos Bagno sobre preconceito linguístico, concedida ao *Diário do Pará*: <diariodopara.diarioonline.com.br/N-166694-ENTREVISTA++MARCOS+BAGNO++DOUTOR+EM+LINGUISTICA.html>.

SABIA?

As gramáticas e os dicionários apresentam a **norma-padrão**, um modelo de uso da língua construído com base na análise de textos escritos de portugueses e brasileiros cultos, muitos deles autores de séculos ou décadas passadas. Esse modelo oferece uma visão homogênea da língua, porque praticamente desconsidera as variedades linguísticas. Por esse motivo, a norma-padrão é apenas uma referência, um ideal linguístico. Mesmo os falantes das variedades urbanas de prestígio, que são as que mais se aproximam dessa norma, abandonam ou modificam as regras que não lhes parecem adequadas às suas necessidades reais de comunicação.

Concluindo a seção, afirmam que a adequação linguística presume a predileção por um modo de fala adequado, levando em consideração o nível formal e coloquial da língua, como modelos a serem empregados em conformidade aos variados contextos comunicativos.

No capítulo 18, denominado “Língua falada e Língua Escrita”, imagens 12 e 13, os autores introduzem o capítulo da seguinte forma:

Figura 12 - Pra começar

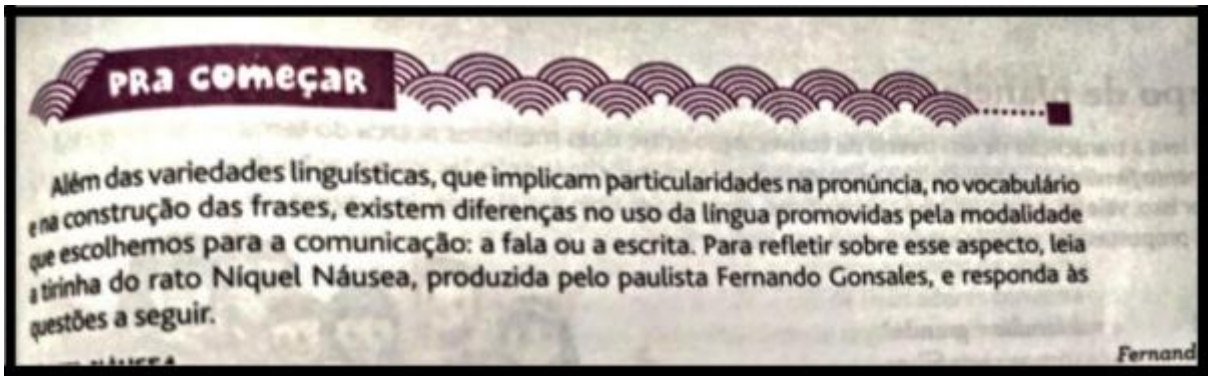
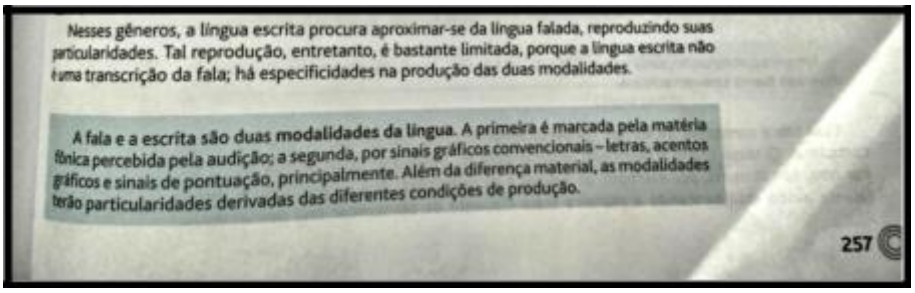


Figura 13 - Modalidades da língua


Nesses gêneros, a língua escrita procura aproximar-se da língua falada, reproduzindo suas particularidades. Tal reprodução, entretanto, é bastante limitada, porque a língua escrita não é uma transcrição da fala; há especificidades na produção das duas modalidades.

A fala e a escrita são duas **modalidades da língua**. A primeira é marcada pela matéria fônica percebida pela audição; a segunda, por sinais gráficos convencionais – letras, acentos gráficos e sinais de pontuação, principalmente. Além da diferença material, as modalidades terão particularidades derivadas das diferentes condições de produção.

257

Para além da variação linguística que influencia no léxico, na formação dos enunciados e na pronúncia, há, também, distinções nas categorias e maneiras de produção da escrita e da fala. A fala, caracterizada pela matéria fonética e a escrita pelas formas gráficas.

a seção “Expressão Coletiva”, os autores, figura 14, trazem para a discussão um projeto com o intuito de discutir a noção de erro.

Figura 14 - Caso das faixas de rua de Maringá: discussão da noção de erro

Expressão coletiva

Caso das faixas de rua de Maringá: discussão da noção de erro

Objetivo do projeto

Como vocês estudaram nesta unidade, não há língua certa e língua errada, mas variedades linguísticas diversas, adequadas a determinadas situações comunicativas. Apesar dessa constatação, as discussões sobre o lugar que a norma-padrão deve ocupar no ensino da língua e na comunicação cotidiana dos falantes ainda envolvem muita polêmica. Para refletir um pouco mais sobre isso, vocês conhecerão um projeto que foi implantado na cidade paranaense de Maringá e a reação que provocou em professores e alunos de uma universidade. Depois, vão se reunir em grupos para participar de um debate com a classe e, por fim, preparar uma exposição que será vista pela comunidade escolar.

Conhecimento do fato

A seguir, serão apresentadas duas reportagens sobre o projeto "Sinal do Saber", desenvolvido em Maringá. Leiam os textos.

Texto 1

Advogado espalha faixas em Maringá para combater vícios de linguagem

Algumas ideias aparecem repentinamente, sem você esperar por elas. Foi assim que a proposta de corrigir vícios de linguagem por meio de faixas espalhadas nos semáforos de Maringá (PR) surgiu, conta o advogado Lutero de Paiva Pereira.

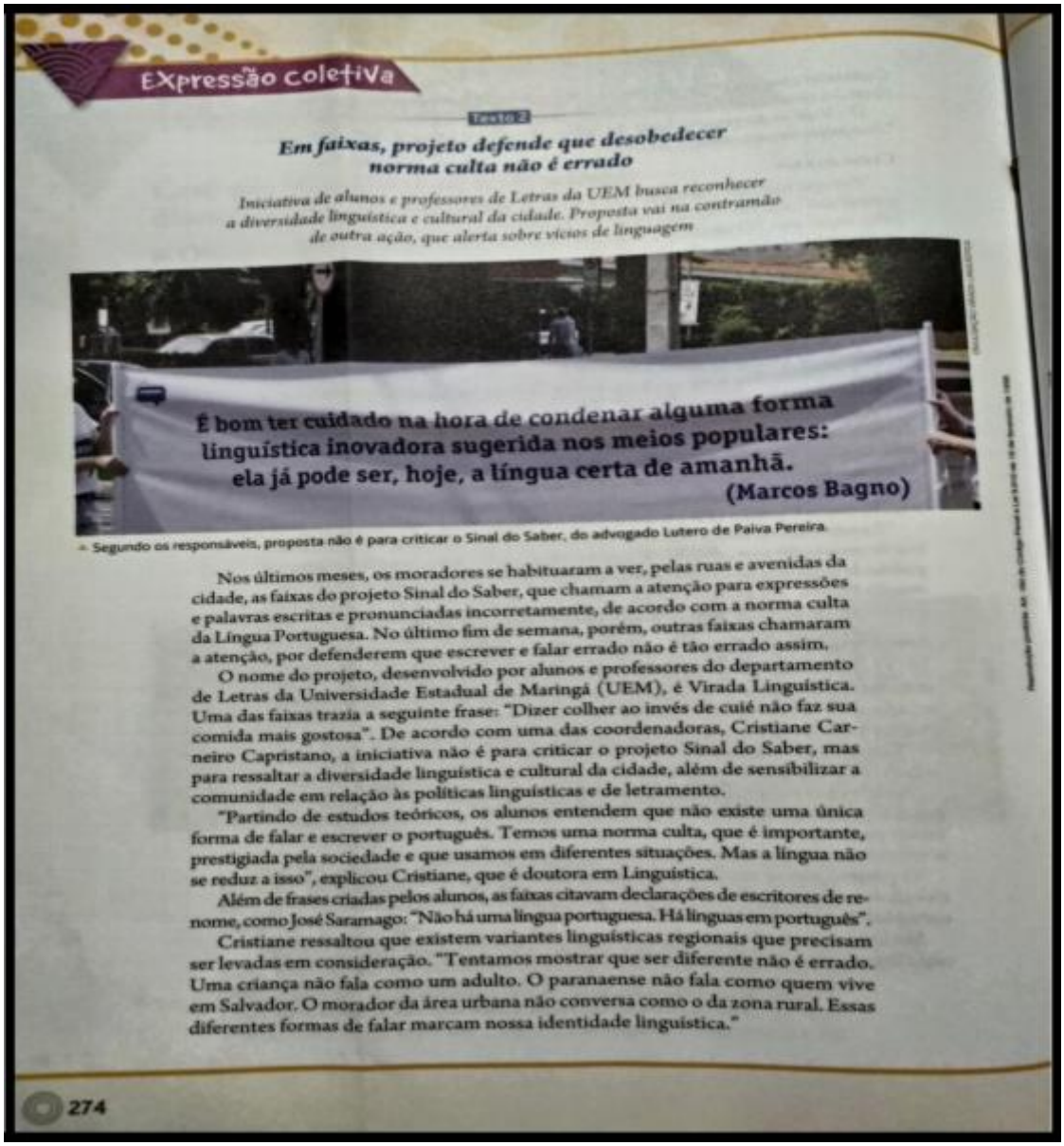
A iniciativa surgiu enquanto Pereira jogava uma partida de golfe. "[O golfe] é um esporte que possibilita alguns momentos de reflexão. Em um deles [dos jogos] fiquei pensando nos vícios de linguagem que existem no ambiente do jogo. Voltei pra casa e pensei mais sobre os vícios que estão presentes em nossa realidade", explica o advogado. "Logo tive a ideia.

272

A problemática surge com a atitude de um advogado em espalhar cartazes pela cidade de Maringá/PA, com o objetivo de “corrigir” os vícios de linguagem da população.

Como forma de contrapor essa atitude de “correção”, os autores apresentam o conteúdo do fragmento 15: estudantes e discentes do curso de Letras da UEM, espalharam faixas argumentando que violar a norma culta não é errado.

Figura 15 - Desobedecer norma culta não é erro



Expressão coletiva

Texto 2

Em faixas, projeto defende que desobedecer norma culta não é errado

Iniciativa de alunos e professores de Letras da UEM busca reconhecer a diversidade linguística e cultural da cidade. Proposta vai na contramão de outra ação, que alerta sobre vícios de linguagem

É bom ter cuidado na hora de condenar alguma forma linguística inovadora sugerida nos meios populares: ela já pode ser, hoje, a língua certa de amanhã.
(Marcos Bagno)

Segundo os responsáveis, proposta não é para criticar o Sinal do Saber, do advogado Lutero de Paiva Pereira.

Nos últimos meses, os moradores se habituaram a ver, pelas ruas e avenidas da cidade, as faixas do projeto Sinal do Saber, que chamam a atenção para expressões e palavras escritas e pronunciadas incorretamente, de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa. No último fim de semana, porém, outras faixas chamaram a atenção, por defenderem que escrever e falar errado não é tão errado assim.

O nome do projeto, desenvolvido por alunos e professores do departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), é Virada Linguística. Uma das faixas trazia a seguinte frase: "Dizer colher ao invés de cuié não faz sua comida mais gostosa". De acordo com uma das coordenadoras, Cristiane Carneiro Capristano, a iniciativa não é para criticar o projeto Sinal do Saber, mas para ressaltar a diversidade linguística e cultural da cidade, além de sensibilizar a comunidade em relação às políticas linguísticas e de letramento.

"Partindo de estudos teóricos, os alunos entendem que não existe uma única forma de falar e escrever o português. Temos uma norma culta, que é importante, prestigiada pela sociedade e que usamos em diferentes situações. Mas a língua não se reduz a isso", explicou Cristiane, que é doutora em Linguística.

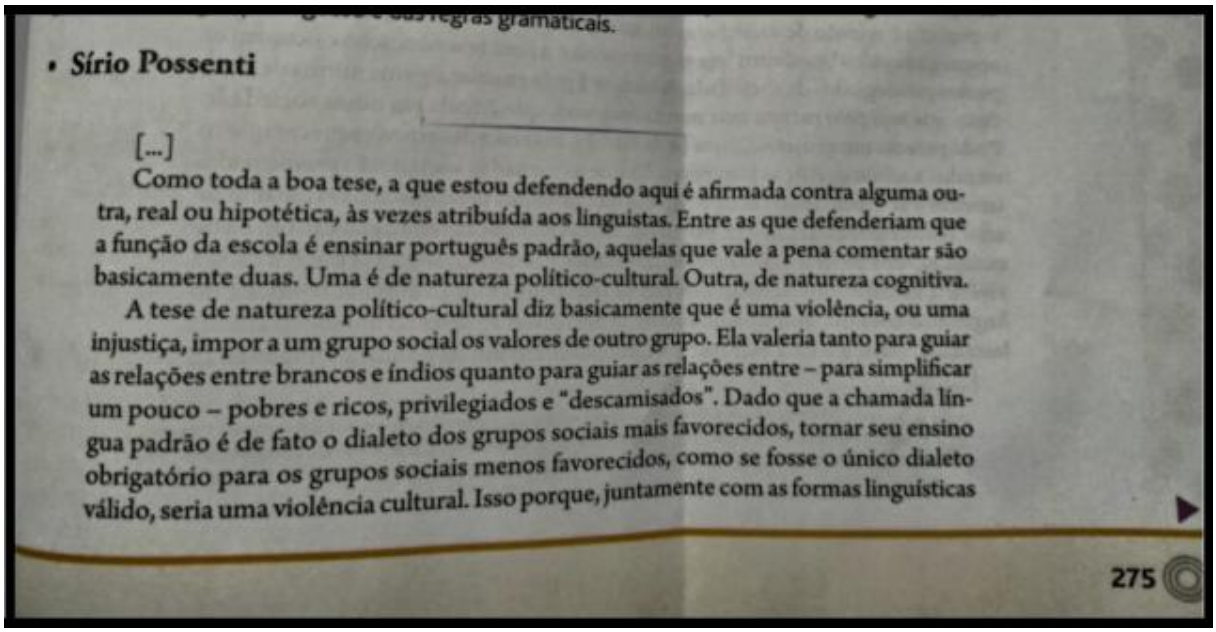
Além de frases criadas pelos alunos, as faixas citavam declarações de escritores de renome, como José Saramago: "Não há uma língua portuguesa. Há línguas em português".

Cristiane ressaltou que existem variantes linguísticas regionais que precisam ser levadas em consideração. "Tentamos mostrar que ser diferente não é errado. Uma criança não fala como um adulto. O paranaense não fala como quem vive em Salvador. O morador da área urbana não conversa como o da zona rural. Essas diferentes formas de falar marcam nossa identidade linguística."

274

Para isso, eles se embasaram em teóricos, cujos entendimentos afirmam que no Português não há uma única maneira de escrever e falar, como Sírio Possenti, Marcos Bagno e Celso Pedro Luft, figuras 16, 17 e 18, respectivamente.

Figura 16 - Sírio Possenti



regras gramaticais.

• *Sírio Possenti*

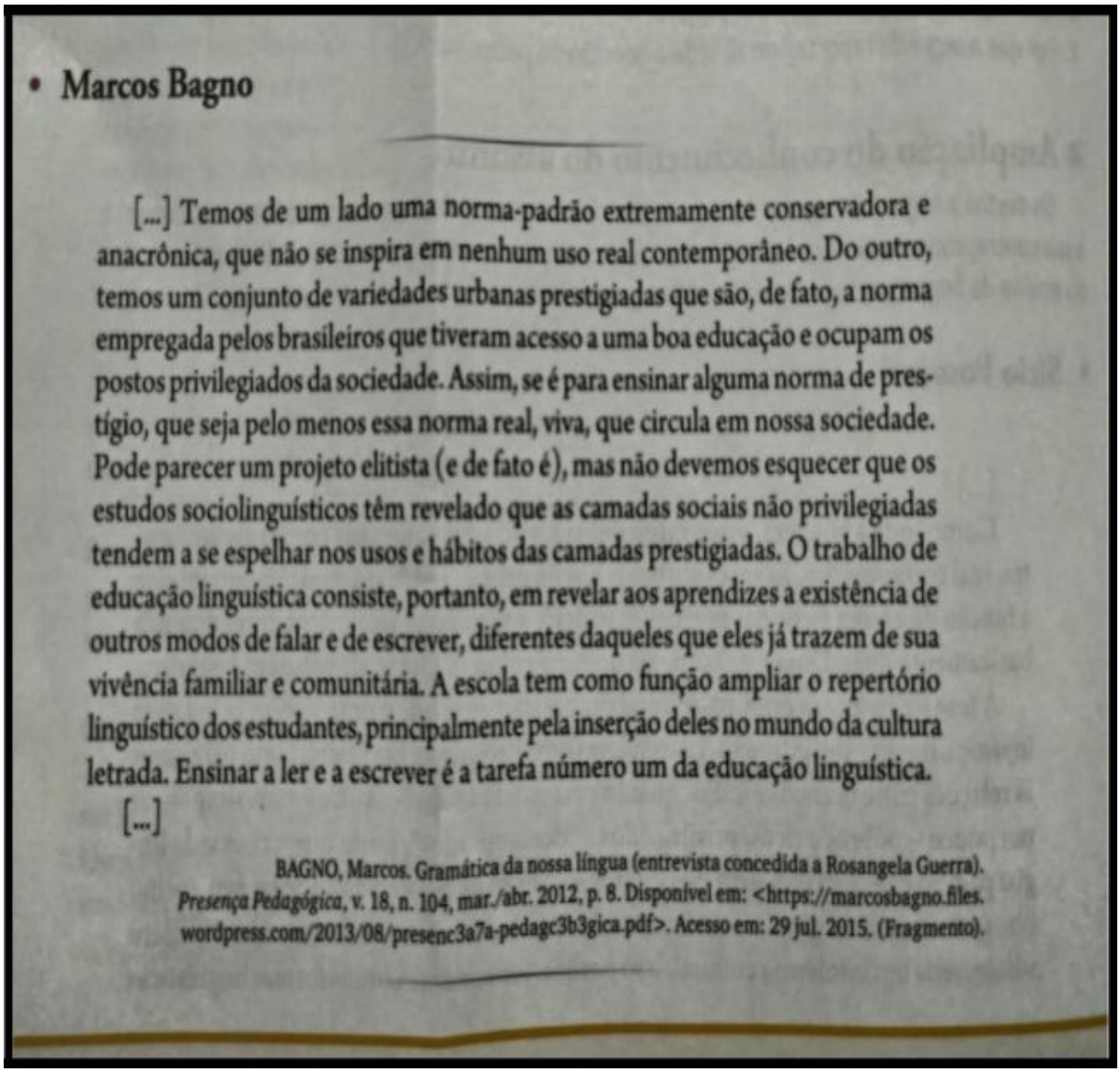
[...]

Como toda a boa tese, a que estou defendendo aqui é afirmada contra alguma outra, real ou hipotética, às vezes atribuída aos linguistas. Entre as que defenderiam que a função da escola é ensinar português padrão, aquelas que vale a pena comentar são basicamente duas. Uma é de natureza político-cultural. Outra, de natureza cognitiva.

A tese de natureza político-cultural diz basicamente que é uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. Ela valeria tanto para guiar as relações entre brancos e índios quanto para guiar as relações entre – para simplificar um pouco – pobres e ricos, privilegiados e "descamisados". Dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. Isso porque, juntamente com as formas linguísticas

275

Figura 17 - Marcos Bagno



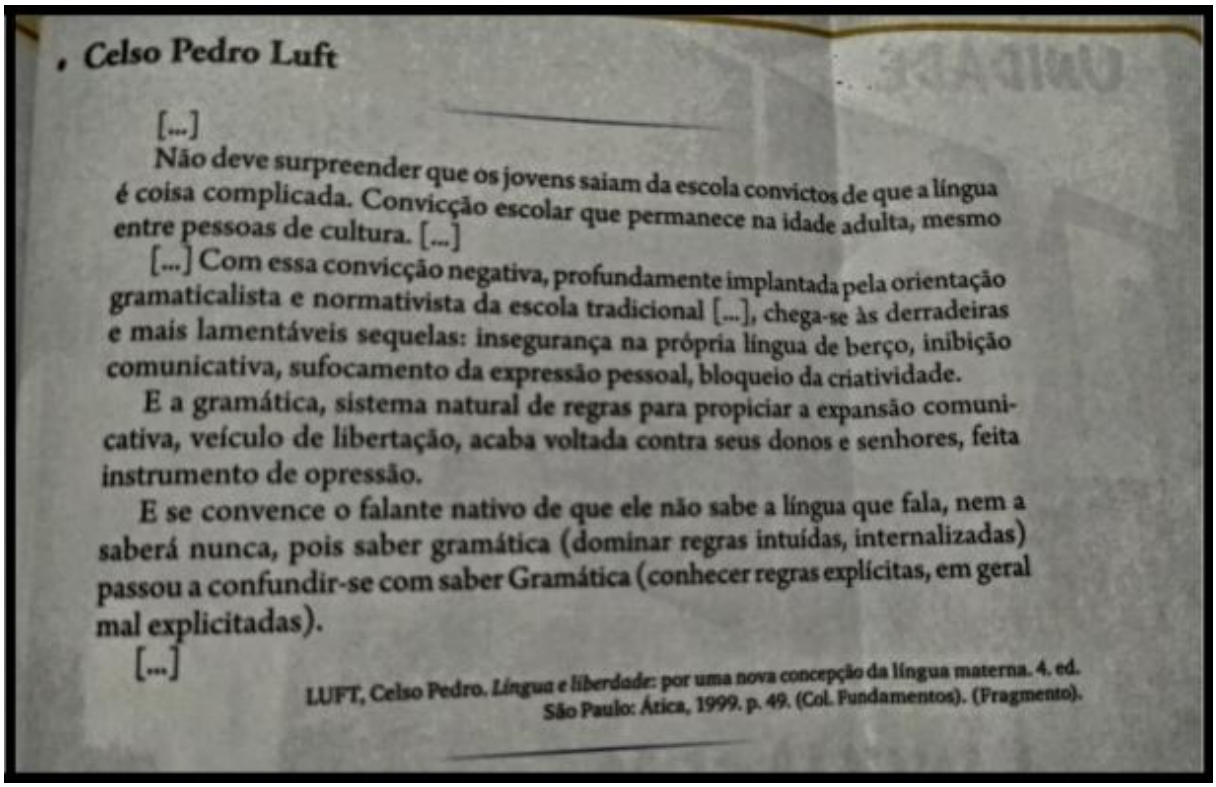
• Marcos Bagno

[...] Temos de um lado uma norma-padrão extremamente conservadora e anacrônica, que não se inspira em nenhum uso real contemporâneo. Do outro, temos um conjunto de variedades urbanas prestigiadas que são, de fato, a norma empregada pelos brasileiros que tiveram acesso a uma boa educação e ocupam os postos privilegiados da sociedade. Assim, se é para ensinar alguma norma de prestígio, que seja pelo menos essa norma real, viva, que circula em nossa sociedade. Pode parecer um projeto elitista (e de fato é), mas não devemos esquecer que os estudos sociolinguísticos têm revelado que as camadas sociais não privilegiadas tendem a se espelhar nos usos e hábitos das camadas prestigiadas. O trabalho de educação linguística consiste, portanto, em revelar aos aprendizes a existência de outros modos de falar e de escrever, diferentes daqueles que eles já trazem de sua vivência familiar e comunitária. A escola tem como função ampliar o repertório linguístico dos estudantes, principalmente pela inserção deles no mundo da cultura letrada. Ensinar a ler e a escrever é a tarefa número um da educação linguística.

[...]

BAGNO, Marcos. Gramática da nossa língua (entrevista concedida a Rosangela Guerra). *Presença Pedagógica*, v. 18, n. 104, mar./abr. 2012, p. 8. Disponível em: <https://marcosbagno.files.wordpress.com/2013/08/presenc3a7a-pedagc3b3gica.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2015. (Fragmento).

Figura 18 - Celso Pedro Luft



Celso Pedro Luft

[...]

Não deve surpreender que os jovens saiam da escola convictos de que a língua é coisa complicada. Convicção escolar que permanece na idade adulta, mesmo entre pessoas de cultura. [...]

[...] Com essa convicção negativa, profundamente implantada pela orientação gramaticalista e normativista da escola tradicional [...], chega-se às derradeiras e mais lamentáveis sequelas: insegurança na própria língua de berço, inibição comunicativa, sufocamento da expressão pessoal, bloqueio da criatividade.

E a gramática, sistema natural de regras para propiciar a expansão comunicativa, veículo de libertação, acaba voltada contra seus donos e senhores, feita instrumento de opressão.

E se convence o falante nativo de que ele não sabe a língua que fala, nem a saberá nunca, pois saber gramática (dominar regras intuídas, internalizadas) passou a confundir-se com saber Gramática (conhecer regras explícitas, em geral mal explicitadas).

[...]

LUFT, Celso Pedro. *Língua e liberdade*: por uma nova concepção da língua materna. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 49. (Col. Fundamentos). (Fragmento).

Os autores reafirmam que não existe “língua certa ou errada”, mas múltiplas variedades linguísticas, que se adequam a específicos contextos comunicativos. Porém, ainda teremos que continuar a lutar, se quisermos que as diversidades linguísticas sejam respeitadas e ensinadas em sala de aula. Pois tudo passa pela escola.

No volume 2, para o 2° ano, a variação linguística é recapitulada em duas seções, como mostram os fragmentos 19 e 20.

Figura 19 - Variedades urbanas de prestígio

Os textos do gênero textual ***e-mail*** costumam apresentar poucos temas. Seu objetivo é promover interações sociais em contextos particulares ou institucionais, que definem seu grau de formalidade. Tendo como suporte a **internet**, o *e-mail* tem características ligadas à velocidade na composição e na transmissão do texto, além de disponibilizar recursos como a anexação de arquivos ou a colagem de trechos copiados de outros textos.

SABIA?

Os endereços de *e-mail* já fazem parte dos dados pessoais dos cidadãos, marcando sua inserção social. Esse é um dos motivos pelos quais o Estado e várias ONGs (organizações não governamentais) têm projetos de inclusão digital destinados a desenvolver a competência das pessoas para o uso de computadores e da internet nas atividades cotidianas, na interação com outras pessoas e no aprimoramento cultural.

O *e-mail* a seguir foi produzido em uma situação institucional, isto é, circulou entre funcionários de uma mesma empresa e teve como tema algo relativo ao trabalho que eles executam. Ao contrário dos *e-mails* pessoais, os institucionais seguem as variedades urbanas de prestígio e revelam maior planejamento. Ainda assim, os leitores não estranham a presença de algum grau de informalidade, por reconhecerem que a escrita de *e-mails* responde a uma necessidade de envio rápido e prático de informações e solicitações, sem a rigidez de outros documentos institucionais.

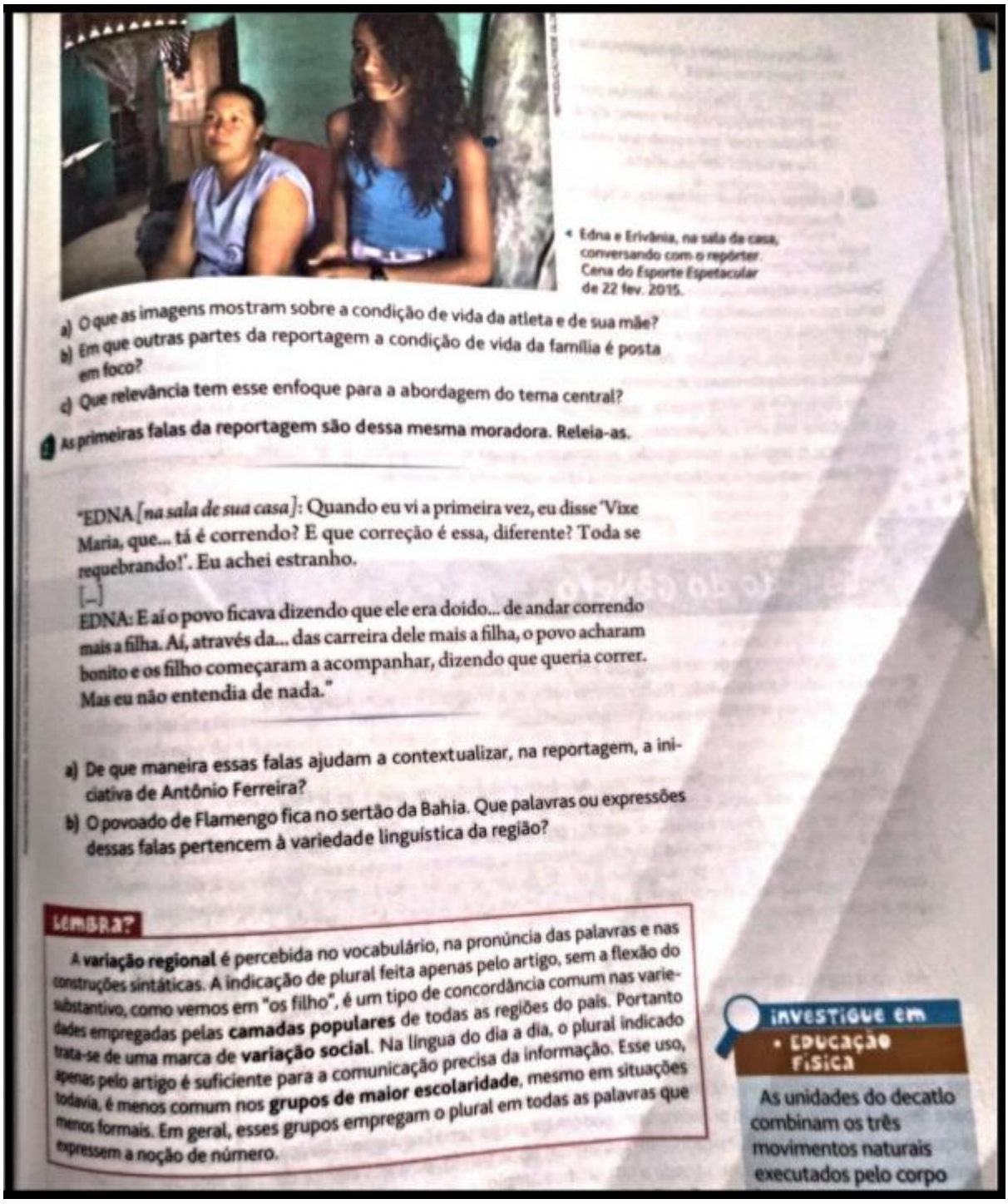
LEMBRA?

São chamadas **variedades urbanas de prestígio** as variedades linguísticas usadas por indivíduos de maior escolaridade, moradores das áreas urbanas. São empregadas nas comunicações oficiais, nas produções acadêmicas, nos textos jornalísticos dos principais órgãos de imprensa, etc. Embora não possam ser identificadas como a "língua certa" — conceito que não existe quando se trata do uso da língua —, constituem a modalidade esperada nas comunicações formais.

Leia o *e-mail*, prestando atenção aos comentários feitos e refletindo sobre as questões propostas. Responda-as oralmente.

142

Figura 20 - Variação regional



◂ Edna e Erivânia, na sala da casa, conversando com o repórter. Cena do *Esporte Espetacular* de 22 fev. 2015.

a) O que as imagens mostram sobre a condição de vida da atleta e de sua mãe?
b) Em que outras partes da reportagem a condição de vida da família é posta em foco?
c) Que relevância tem esse enfoque para a abordagem do tema central?

As primeiras falas da reportagem são dessa mesma moradora. Releia-as.

"EDNA *[na sala de sua casa]*: Quando eu vi a primeira vez, eu disse 'Vixe Maria, que... tá é correndo? E que correção é essa, diferente? Toda se requebrando!'. Eu achei estranho.
[...]
EDNA: E aí o povo ficava dizendo que ele era doido... de andar correndo mais a filha. Aí, através da... das carreira dele mais a filha, o povo acharam bonito e os filho começaram a acompanhar, dizendo que queria correr. Mas eu não entendia de nada."

a) De que maneira essas falas ajudam a contextualizar, na reportagem, a iniciativa de Antônio Ferreira?
b) O povoado de Flamengo fica no sertão da Bahia. Que palavras ou expressões dessas falas pertencem à variedade linguística da região?

LEMBRA?

A **variação regional** é percebida no vocabulário, na pronúncia das palavras e nas construções sintáticas. A indicação de plural feita apenas pelo artigo, sem a flexão do substantivo, como vemos em "os filho", é um tipo de concordância comum nas variedades empregadas pelas **camadas populares** de todas as regiões do país. Portanto trata-se de uma marca de **variação social**. Na língua do dia a dia, o plural indicado apenas pelo artigo é suficiente para a comunicação precisa da informação. Esse uso, todavia, é menos comum nos **grupos de maior escolaridade**, mesmo em situações menos formais. Em geral, esses grupos empregam o plural em todas as palavras que expressem a noção de número.

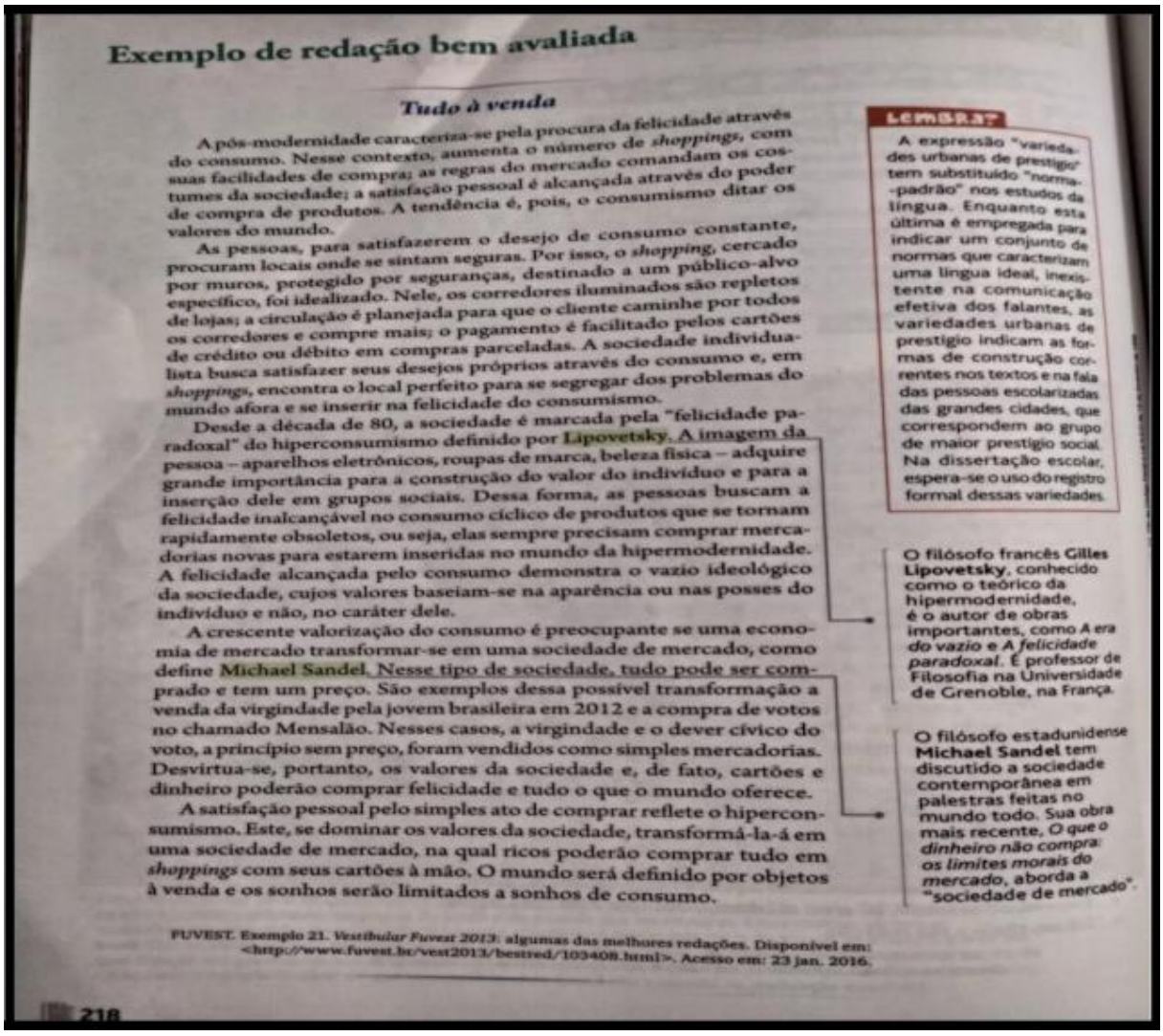
INVESTIGUE EM • EDUCAÇÃO FÍSICA

As unidades do decatlo combinam os três movimentos naturais executados pelo corpo

Os autores abordam o tema somente como forma de lembrete nos capítulos dos gêneros textuais: email, destacando o uso da variedade de prestígio para a comunicação formal; e a reportagem, relembra a variação regional/social, salientando seu emprego pelas camadas populares, caso das entrevistadas Dona Edna Cruz, mãe da atleta Erivânia Cruz.

Já no volume 3, destinado ao 3° ano, há apenas uma nota, como se percebe no fragmento 21:

Figura 21 - Variedades urbanas de prestígio



Exemplo de redação bem avaliada

Tudo à venda

A pós-modernidade caracteriza-se pela procura da felicidade através do consumo. Nesse contexto, aumenta o número de *shoppings*, com suas facilidades de compra; as regras do mercado comandam os costumes da sociedade; a satisfação pessoal é alcançada através do poder de compra de produtos. A tendência é, pois, o consumismo ditar os valores do mundo.

As pessoas, para satisfazerem o desejo de consumo constante, procuram locais onde se sintam seguras. Por isso, o *shopping*, cercado por muros, protegido por seguranças, destinado a um público-alvo específico, foi idealizado. Nele, os corredores iluminados são repletos de lojas; a circulação é planejada para que o cliente caminhe por todos os corredores e compre mais; o pagamento é facilitado pelos cartões de crédito ou débito em compras parceladas. A sociedade individualista busca satisfazer seus desejos próprios através do consumo e, em *shoppings*, encontra o local perfeito para se segregar dos problemas do mundo afora e se inserir na felicidade do consumismo.

Desde a década de 80, a sociedade é marcada pela "felicidade paradoxal" do hiperconsumismo definido por Lipovetsky. A imagem da pessoa – aparelhos eletrônicos, roupas de marca, beleza física – adquire grande importância para a construção do valor do indivíduo e para a inserção dele em grupos sociais. Dessa forma, as pessoas buscam a felicidade inalcançável no consumo cíclico de produtos que se tornam rapidamente obsoletos, ou seja, elas sempre precisam comprar mercadorias novas para estarem inseridas no mundo da hipermodernidade. A felicidade alcançada pelo consumo demonstra o vazio ideológico da sociedade, cujos valores baseiam-se na aparência ou nas posses do indivíduo e não, no caráter dele.

A crescente valorização do consumo é preocupante se uma economia de mercado transformar-se em uma sociedade de mercado, como define Michael Sandel. Nesse tipo de sociedade, tudo pode ser comprado e tem um preço. São exemplos dessa possível transformação a venda da virgindade pela jovem brasileira em 2012 e a compra de votos no chamado Mensalão. Nesses casos, a virgindade e o dever cívico do voto, a princípio sem preço, foram vendidos como simples mercadorias. Desvirtua-se, portanto, os valores da sociedade e, de fato, cartões e dinheiro poderão comprar felicidade e tudo o que o mundo oferece.

A satisfação pessoal pelo simples ato de comprar reflete o hiperconsumismo. Este, se dominar os valores da sociedade, transformá-la-á em uma sociedade de mercado, na qual ricos poderão comprar tudo em *shoppings* com seus cartões à mão. O mundo será definido por objetos à venda e os sonhos serão limitados a sonhos de consumo.

FUVEST. Exemplo 21. *Vestibular Fuvest 2013*: algumas das melhores redações. Disponível em: <http://www.fuvest.br/vest2013/bestred/103408.html>. Acesso em: 23 jan. 2016.

LEMBRA?

A expressão "variedades urbanas de prestígio" tem substituído "norma-padrão" nos estudos da língua. Enquanto esta última é empregada para indicar um conjunto de normas que caracterizam uma língua ideal, inexistente na comunicação efetiva dos falantes, as variedades urbanas de prestígio indicam as formas de construção correntes nos textos e na fala das pessoas escolarizadas das grandes cidades, que correspondem ao grupo de maior prestígio social. Na dissertação escolar, espera-se o uso do registro formal dessas variedades.

O filósofo francês **Gilles Lipovetsky**, conhecido como o teórico da hipermodernidade, é o autor de obras importantes, como *A era do vazio* e *A felicidade paradoxal*. É professor de Filosofia na Universidade de Grenoble, na França.

O filósofo estadunidense **Michael Sandel** tem discutido a sociedade contemporânea em palestras feitas no mundo todo. Sua obra mais recente, *O que o dinheiro não compra: os limites morais do mercado*, aborda a "sociedade de mercado".

218

Na seção “dissertação”, os autores fazem o uso do apontamento para recordar que a termo variante de prestígio é utilizado, ao invés de norma-padrão, porque se refere a produção correntes na oralidade e escrita nos centros urbanos de falantes escolarizados e não a uma língua ideal, que não existe. Logo, empregada nas dissertações.

Perante as seções apresentadas, percebe-se que os autores trazem informações muito relevantes a respeito da variação linguística. Demonstram a heterogeneidade linguística presente no país, salientando que não existe uma

variedade melhor que a outra e, sim, que todas devem ser respeitadas e podem ser utilizadas se adequando aos diversos contextos, pois:

> A variação é inerente às línguas, e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico nem a possibilidade de comunicação entre falantes. A existência de variedades nas línguas, ao contrário, em vez de comprometer o mútuo entendimento, é rica em significado social. (OLIVEIRA; NASCIMENTO, 2017, p. 339)

Na continuação, veremos algumas atividades relacionadas ao assunto.

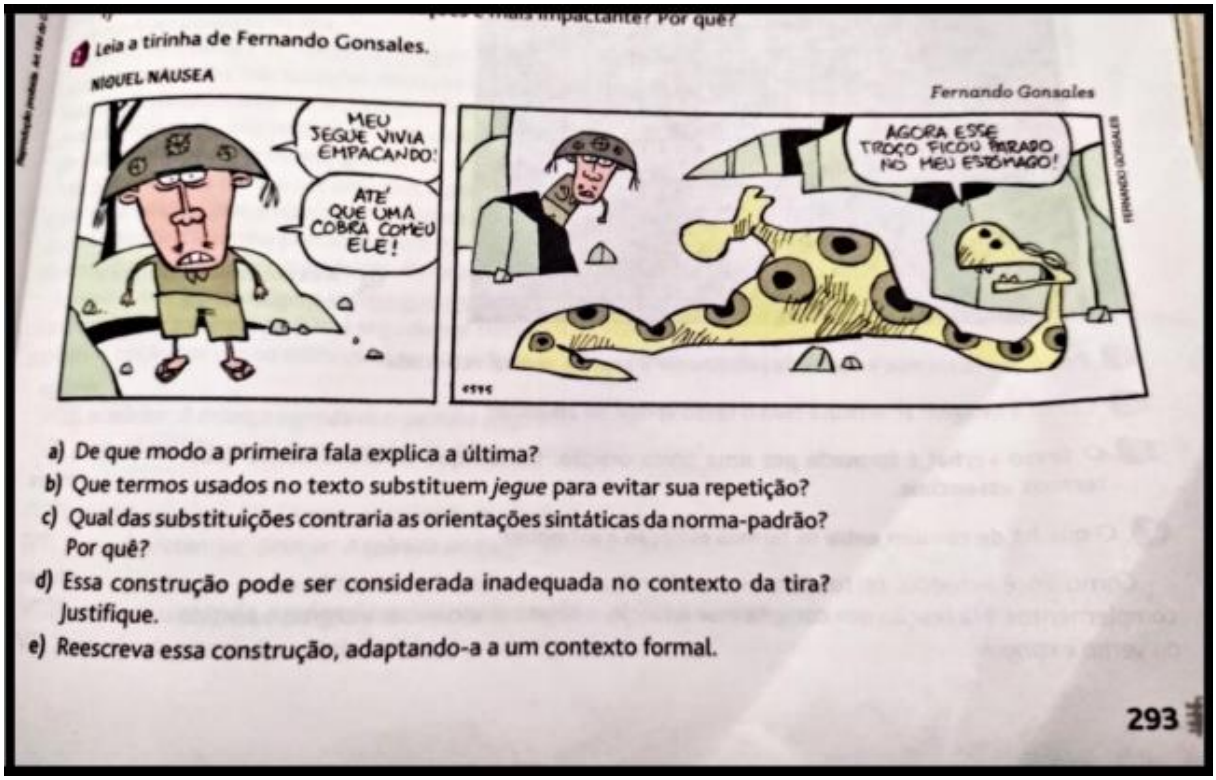
Figura 22 - Exercício 1

O fragmento 22, volume 1, na seção “Língua e Variação Linguística” traz uma tirinha, demonstrando um diálogo entre um marciano e um falante de uma variação social. Na questão A, percebe-se que os autores querem apontar que as variantes sociais/regionais não podem ser entendidas por falantes da variante prestigiada. Já na alternativa B, pode-se notar que os autores instigam os estudantes a pensarem

se as variedades linguísticas populares podem ser compreendidas para manter a comunicação.

O volume 2 não apresenta atividades relacionadas ao tema.

Figura 23 - Exercício 2



No fragmento 23 (volume 3, 3° ano), na seção “Refletindo sobre a língua” na segmentação de Adjunto adverbial, observa-se na tirinha que em A o aluno precisa entender o sentido que a palavra foi empregada nas distintas situações. Em B, o estudante terá que observar que palavra está sendo usada nesse contexto informal da língua. Em C nesse caso, o discente é levado a utilizar a língua em acordo a norma- padrão, que os autores chamam de língua ideal, mas não é realmente usada. Em D, O estudante é guiado considerar as variantes e seus contextos de aplicação. E em E, a adequação solicitada fará com o aluno entenda que perante todo conhecimento adquirido sobre variação linguística, a variedade prestigiada ainda tem mais valor que as populares.

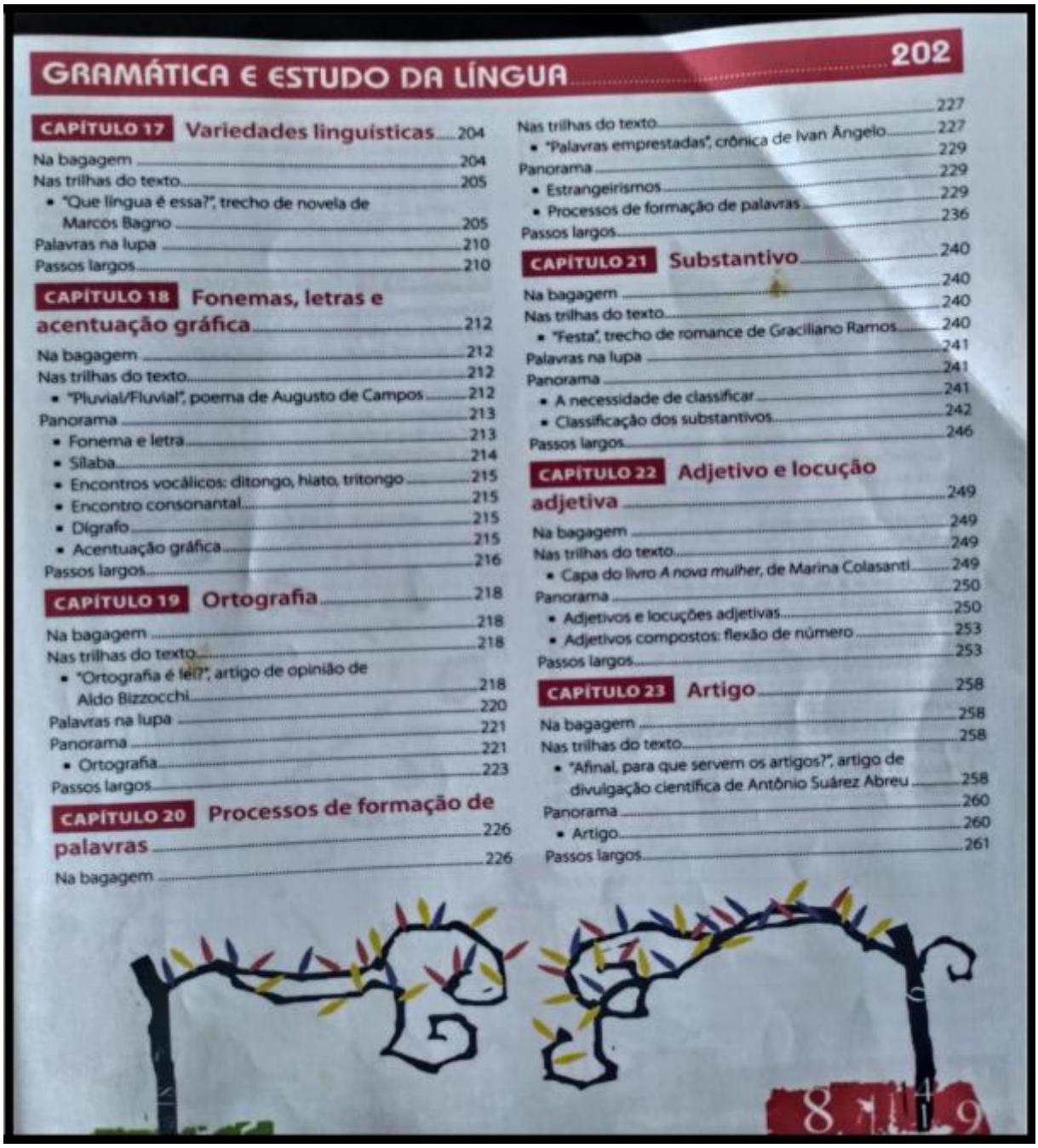
A partir dos exercícios apresentados constata-se que as variações ainda não recebem a devida importância, sendo diminuídas perante a variante prestigiada.

4.2 PORTUGUÊS: TRILHAS E TRAMAS

SETTE; TRAVALHA; STARLING, Ribeiro. **Português**: trilhas e tramas. São Paulo: Leya, 2016. v. 1, 2, 3. (1°, 2°, 3° anos) - PNLD 2018-2020

Vejamos os sumários da referida coleção nas figuras 24, 25 e 26:

Figura 24 - Sumário da obra (vol.1)



GRAMÁTICA E ESTUDO DA LÍNGUA 202

CAPÍTULO 17 Variedades linguísticas 204
Na bagagem 204
Nas trilhas do texto 205
• "Que língua é essa?", trecho de novela de Marcos Bagno 205
Palavras na lupa 210
Passos largos 210

CAPÍTULO 18 Fonemas, letras e acentuação gráfica 212
Na bagagem 212
Nas trilhas do texto 212
• "Pluvial/Fluvial", poema de Augusto de Campos 212
Panorama 213
• Fonema e letra 213
• Sílaba 214
• Encontros vocálicos: ditongo, hiato, tritongo 215
• Encontro consonantal 215
• Dígrafo 215
• Acentuação gráfica 215
Passos largos 216

CAPÍTULO 19 Ortografia 218
Na bagagem 218
Nas trilhas do texto 218
• "Ortografia é lei?", artigo de opinião de Aldo Bizzocchi 218
Palavras na lupa 220
Panorama 221
• Ortografia 221
Passos largos 223

CAPÍTULO 20 Processos de formação de palavras 226
Na bagagem 226
Nas trilhas do texto 227
• "Palavras emprestadas", crônica de Ivan Ângelo 227
Panorama 229
• Estrangeirismos 229
• Processos de formação de palavras 229
Passos largos 236

CAPÍTULO 21 Substantivo 240
Na bagagem 240
Nas trilhas do texto 240
• "Festa", trecho de romance de Graciliano Ramos 240
Palavras na lupa 241
Panorama 241
• A necessidade de classificar 241
• Classificação dos substantivos 242
Passos largos 246

CAPÍTULO 22 Adjetivo e locução adjetiva 249
Na bagagem 249
Nas trilhas do texto 249
• Capa do livro *A nova mulher*, de Marina Colasanti 249
Panorama 250
• Adjetivos e locuções adjetivas 250
• Adjetivos compostos: flexão de número 253
Passos largos 253

CAPÍTULO 23 Artigo 258
Na bagagem 258
Nas trilhas do texto 258
• "Afinal, para que servem os artigos?", artigo de divulgação científica de Antônio Suárez Abreu 258
Panorama 260
• Artigo 260
Passos largos 261

Figura 25 - Sumário da obra (vol.2)

• *Memórias póstumas de Brás Cubas*: marco do Realismo brasileiro ... 193
Passos largos ... 194
Palavras na lupa ... 198
Na bagagem ... 199
Nas trilhas do texto ... 199
• *Quincas Borba*, trecho de romance de Machado de Assis ... 199
Panorama ... 200
• *Quincas Borba*: o segundo romance da trilogia realista machadiana ... 200
Passos largos ... 200
Na bagagem ... 201
Nas trilhas do texto ... 201
• *O primo Basílio*, trecho de romance de Eça de Queirós ... 202
Palavras na lupa ... 204
Panorama ... 204
• O Realismo em Portugal ... 204
Passos largos ... 205

GRAMÁTICA E ESTUDO DA LÍNGUA ... 206

CAPÍTULO 15 Preposição e locução prepositiva ... 208
Na bagagem ... 208
Nas trilhas do texto ... 208
• "Redes de computadores", trecho de capítulo de livro de Andrew S. Tanembaum ... 208
Panorama ... 209
• Preposições ... 209
Passos largos ... 210

CAPÍTULO 16 Interjeição e locução interjetiva ... 212
Na bagagem ... 212
Nas trilhas do texto ... 212
• "Amores digitais", crônica de Antonio Barreto ... 212
Panorama ... 214
• Interjeições e locuções interjetivas ... 214
Palavras na lupa ... 215

CAPÍTULO 17 Polissemia, homonímia, paronímia, sinonímia, antonímia ... 217
Na bagagem ... 217
Nas trilhas do texto ... 217
• Anedota de domínio público (autor desconhecido) ... 217
Panorama ... 218
• Polissemia ... 218
• Homonímia ... 218
• Paronímia ... 219
• Sinonímia ... 220
Passos largos ... 220

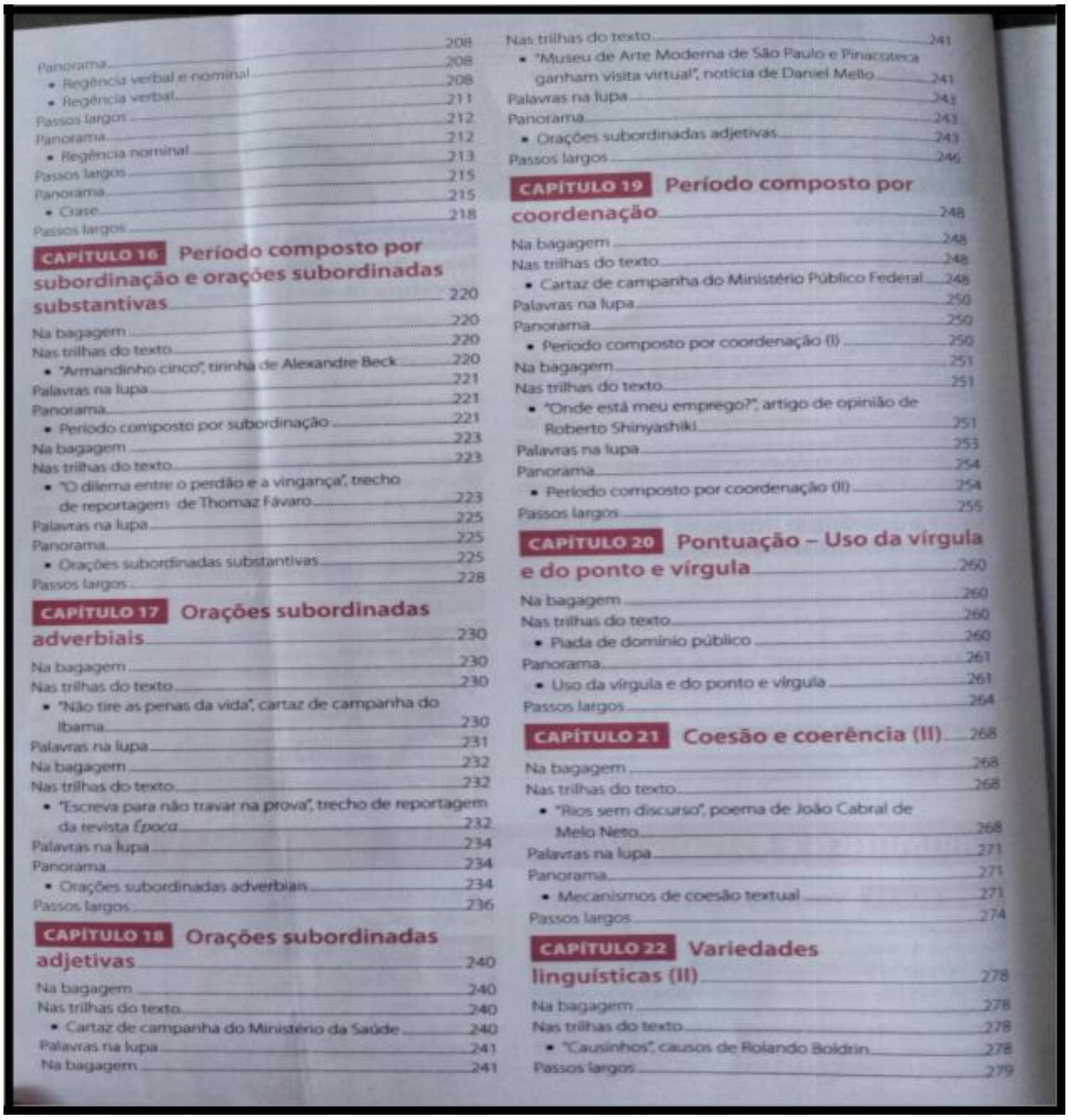
CAPÍTULO 18 Conjunção e locução conjuntiva ... 223
Na bagagem ... 223
Nas trilhas do texto ... 223
• "Sobre a ansiedade", reportagem de Karin Hueck ... 223
Palavras na lupa ... 224
Panorama ... 224
• Conjunções e locuções conjuntivas ... 224
Passos largos ... 225

CAPÍTULO 19 Verbo e locução verbal ... 227
Na bagagem ... 227
Nas trilhas do texto ... 227
• "Da morte", poema de Hilda Hilst ... 227
Panorama ... 228
• Verbos e locuções verbais ... 228
Passos largos ... 237

CAPÍTULO 20 Advérbio e locução adverbial ... 241
Na bagagem ... 241
Nas trilhas do texto ... 241
• "5 motivos para acreditar no futuro", trecho de artigo de opinião de Lídia Rosenberg Aratangy ... 241
Panorama ... 242
• Advérbios e locuções adverbiais ... 242
Passos largos ... 243

CAPÍTULO 21 Colocação de pronomes oblíquos átonos ... 245
Na bagagem ... 245
Nas trilhas do texto ... 245
• *Infância*, trecho de romance de Graciliano Ramos ... 245
Palavras na lupa ... 246

Figura 26 - Sumário da obra (vol.3)



Panorama ... 208
• Regência verbal e nominal ... 208
• Regência verbal ... 208
Passos largos ... 211
Panorama ... 212
• Regência nominal ... 212
Passos largos ... 213
Panorama ... 215
• Crase ... 215
Passos largos ... 218

CAPÍTULO 16 Período composto por subordinação e orações subordinadas substantivas ... 220
Na bagagem ... 220
Nas trilhas do texto ... 220
• "Armandinho cinco", tirinha de Alexandre Beck ... 220
Palavras na lupa ... 221
Panorama ... 221
• Período composto por subordinação ... 221
Na bagagem ... 223
Nas trilhas do texto ... 223
• "O dilema entre o perdão e a vingança", trecho de reportagem de Thomaz Fávaro ... 223
Palavras na lupa ... 225
Panorama ... 225
• Orações subordinadas substantivas ... 225
Passos largos ... 228

CAPÍTULO 17 Orações subordinadas adverbiais ... 230
Na bagagem ... 230
Nas trilhas do texto ... 230
• "Não tire as penas da vida", cartaz de campanha do Ibama ... 230
Palavras na lupa ... 231
Na bagagem ... 232
Nas trilhas do texto ... 232
• "Escreva para não travar na prova", trecho de reportagem da revista *Época* ... 232
Palavras na lupa ... 234
Panorama ... 234
• Orações subordinadas adverbiais ... 234
Passos largos ... 236

CAPÍTULO 18 Orações subordinadas adjetivas ... 240
Na bagagem ... 240
Nas trilhas do texto ... 240
• Cartaz de campanha do Ministério da Saúde ... 240
Palavras na lupa ... 241
Na bagagem ... 241
Nas trilhas do texto ... 241
• "Museu de Arte Moderna de São Paulo e Pinacoteca ganham visita virtual", notícia de Daniel Mello ... 241
Palavras na lupa ... 243
Panorama ... 243
• Orações subordinadas adjetivas ... 243
Passos largos ... 246

CAPÍTULO 19 Período composto por coordenação ... 248
Na bagagem ... 248
Nas trilhas do texto ... 248
• Cartaz de campanha do Ministério Público Federal ... 248
Palavras na lupa ... 250
Panorama ... 250
• Período composto por coordenação (I) ... 250
Na bagagem ... 251
Nas trilhas do texto ... 251
• "Onde está meu emprego?", artigo de opinião de Roberto Shinyashiki ... 251
Palavras na lupa ... 253
Panorama ... 254
• Período composto por coordenação (II) ... 254
Passos largos ... 255

CAPÍTULO 20 Pontuação – Uso da vírgula e do ponto e vírgula ... 260
Na bagagem ... 260
Nas trilhas do texto ... 260
• Piada de domínio público ... 260
Panorama ... 261
• Uso da vírgula e do ponto e vírgula ... 261
Passos largos ... 264

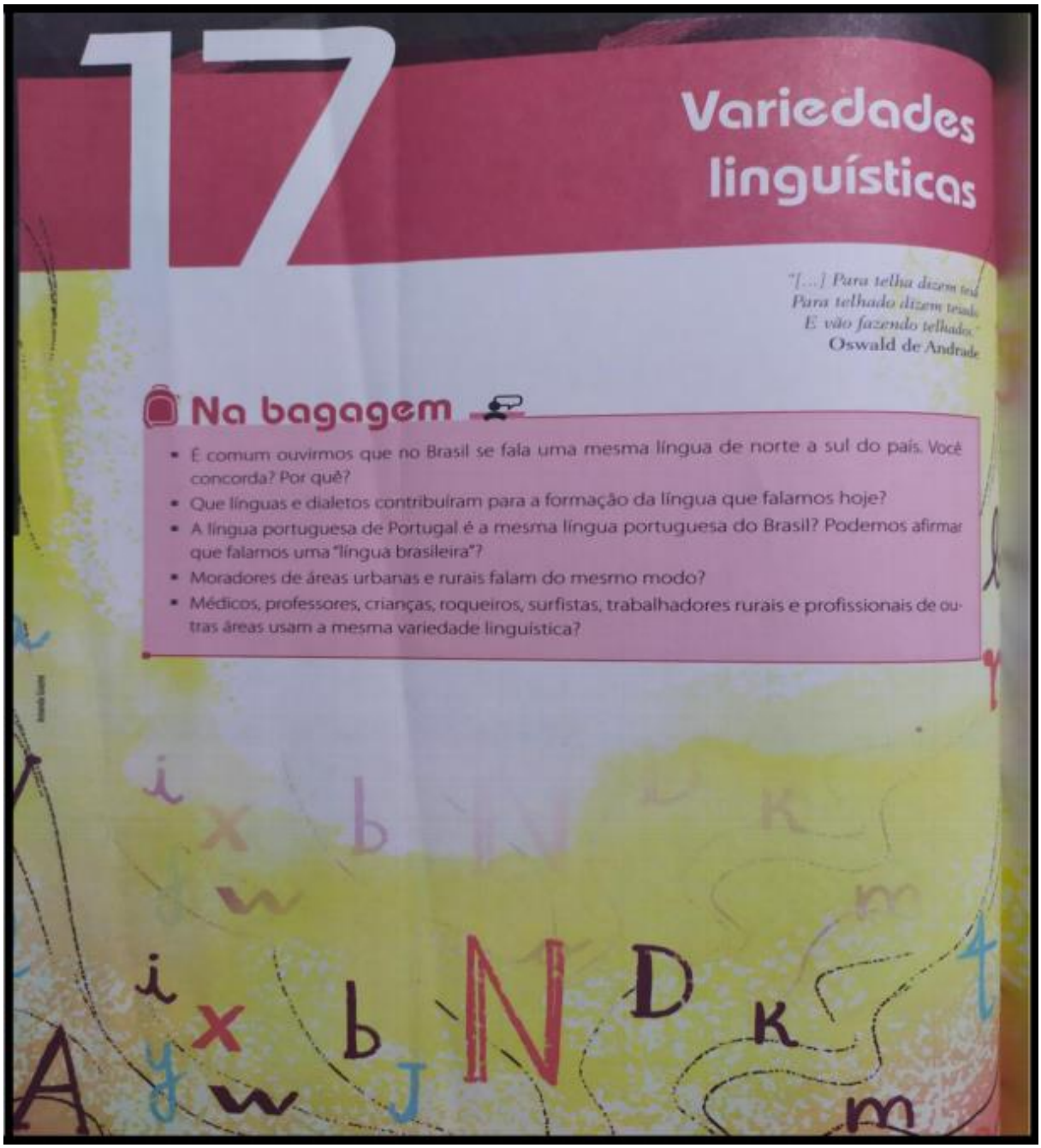
CAPÍTULO 21 Coesão e coerência (II) ... 268
Na bagagem ... 268
Nas trilhas do texto ... 268
• "Rios sem discurso", poema de João Cabral de Melo Neto ... 268
Palavras na lupa ... 271
Panorama ... 271
• Mecanismos de coesão textual ... 271
Passos largos ... 274

CAPÍTULO 22 Variedades linguísticas (II) ... 278
Na bagagem ... 278
Nas trilhas do texto ... 278
• "Causinhos", causos de Rolando Boldrin ... 278
Passos largos ... 279

Percebe-se, na figura 24 que, do total de dez capítulos, apenas um, o capítulo 17, do volume 1, destinado ao 1° ano do ensino médio, nomeada “Variedades Linguísticas” trata do assunto. No segundo volume, atribuído ao 2° ano, figura 25, constituído por 12 capítulos, não é identificado nem mesmo uma seção para o tema. Já o terceiro volume, reservado para o 3° ano, fragmento 26, de nove capítulos, apenas o capítulo 22 aborda o assunto, intitulado “Variedades Linguística II”

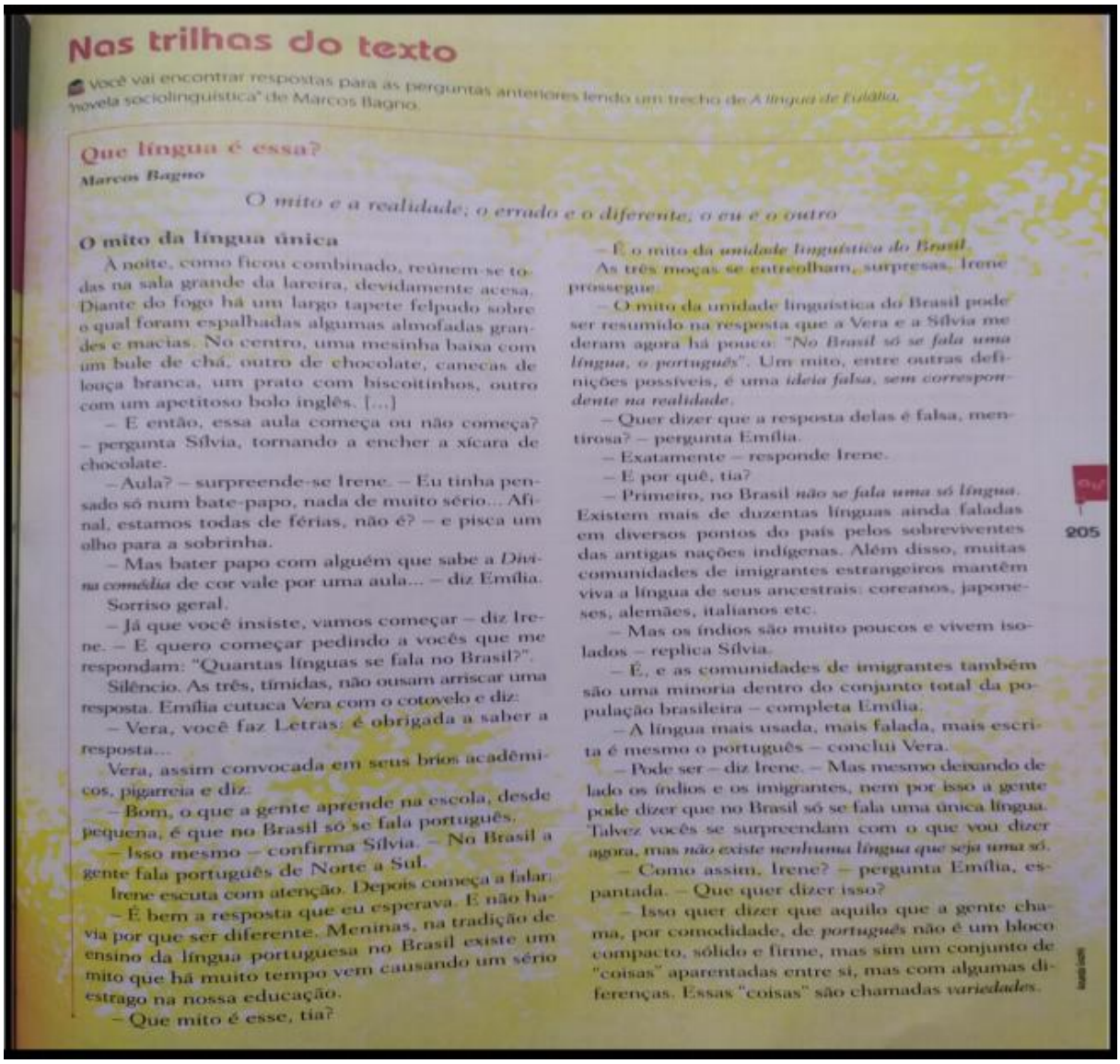
Os autores iniciam o volume 1, o assunto com questionamentos pertinentes, como vemos em 27:

Figura 27 - Variedades linguísticas



Há uma tentativa de mapear os conhecimentos prévios do estudante sobre o tema e, também, inseri-lo na temática. Para dar sequência ao conteúdo, no fragmento 28, os autores se utilizam de um trecho do livro " A língua de Eulália" de Marcos Bagno.

Figura 28 - Que língua é essa?



Nas trilhas do texto

Você vai encontrar respostas para as perguntas anteriores lendo um trecho de *A língua de Eulália*, "novela sociolinguística" de Marcos Bagno.

Que língua é essa?

Marcos Bagno

O mito e a realidade; o errado e o diferente; o eu e o outro

O mito da língua única

À noite, como ficou combinado, reúnem-se todas na sala grande da lareira, devidamente acesa. Diante do fogo há um largo tapete felpudo sobre o qual foram espalhadas algumas almofadas grandes e macias. No centro, uma mesinha baixa com um bule de chá, outro de chocolate, canecas de louça branca, um prato com biscoitinhos, outro com um apetitoso bolo inglês. [...]

– E então, essa aula começa ou não começa? – pergunta Sílvia, tornando a encher a xícara de chocolate.

– Aula? – surpreende-se Irene. – Eu tinha pensado só num bate-papo, nada de muito sério... Afinal, estamos todas de férias, não é? – e pisca um olho para a sobrinha.

– Mas bater papo com alguém que sabe a *Divina comédia* de cor vale por uma aula... – diz Emília.

Sorriso geral.

– Já que você insiste, vamos começar – diz Irene. – E quero começar pedindo a vocês que me respondam: "Quantas línguas se fala no Brasil?".

Silêncio. As três, tímidas, não ousam arriscar uma resposta. Emília cutuca Vera com o cotovelo e diz:

– Vera, você faz Letras: é obrigada a saber a resposta...

Vera, assim convocada em seus brios acadêmicos, pigarreia e diz:

– Bom, o que a gente aprende na escola, desde pequena, é que no Brasil só se fala português.

– Isso mesmo – confirma Sílvia. – No Brasil a gente fala português de Norte a Sul.

Irene escuta com atenção. Depois começa a falar:

– É bem a resposta que eu esperava. E não havia por que ser diferente. Meninas, na tradição de ensino da língua portuguesa no Brasil existe um mito que há muito tempo vem causando um sério estrago na nossa educação.

– Que mito é esse, tia?

– É o mito da *unidade linguística do Brasil*.

As três moças se entreolham, surpresas. Irene prossegue:

– O mito da unidade linguística do Brasil pode ser resumido na resposta que a Vera e a Sílvia me deram agora há pouco: "*No Brasil só se fala uma língua, o português*". Um mito, entre outras definições possíveis, é uma *ideia falsa, sem correspondente na realidade*.

– Quer dizer que a resposta delas é falsa, mentirosa? – pergunta Emília.

– Exatamente – responde Irene.

– E por quê, tia?

– Primeiro, no Brasil *não se fala uma só língua*. Existem mais de duzentas línguas ainda faladas em diversos pontos do país pelos sobreviventes das antigas nações indígenas. Além disso, muitas comunidades de imigrantes estrangeiros mantêm viva a língua de seus ancestrais: coreanos, japoneses, alemães, italianos etc.

– Mas os índios são muito poucos e vivem isolados – replica Sílvia.

– É, e as comunidades de imigrantes também são uma minoria dentro do conjunto total da população brasileira – completa Emília.

– A língua mais usada, mais falada, mais escrita é mesmo o português – conclui Vera.

– Pode ser – diz Irene. – Mas mesmo deixando de lado os índios e os imigrantes, nem por isso a gente pode dizer que no Brasil só se fala uma única língua. Talvez vocês se surpreendam com o que vou dizer agora, mas *não existe nenhuma língua que seja uma só*.

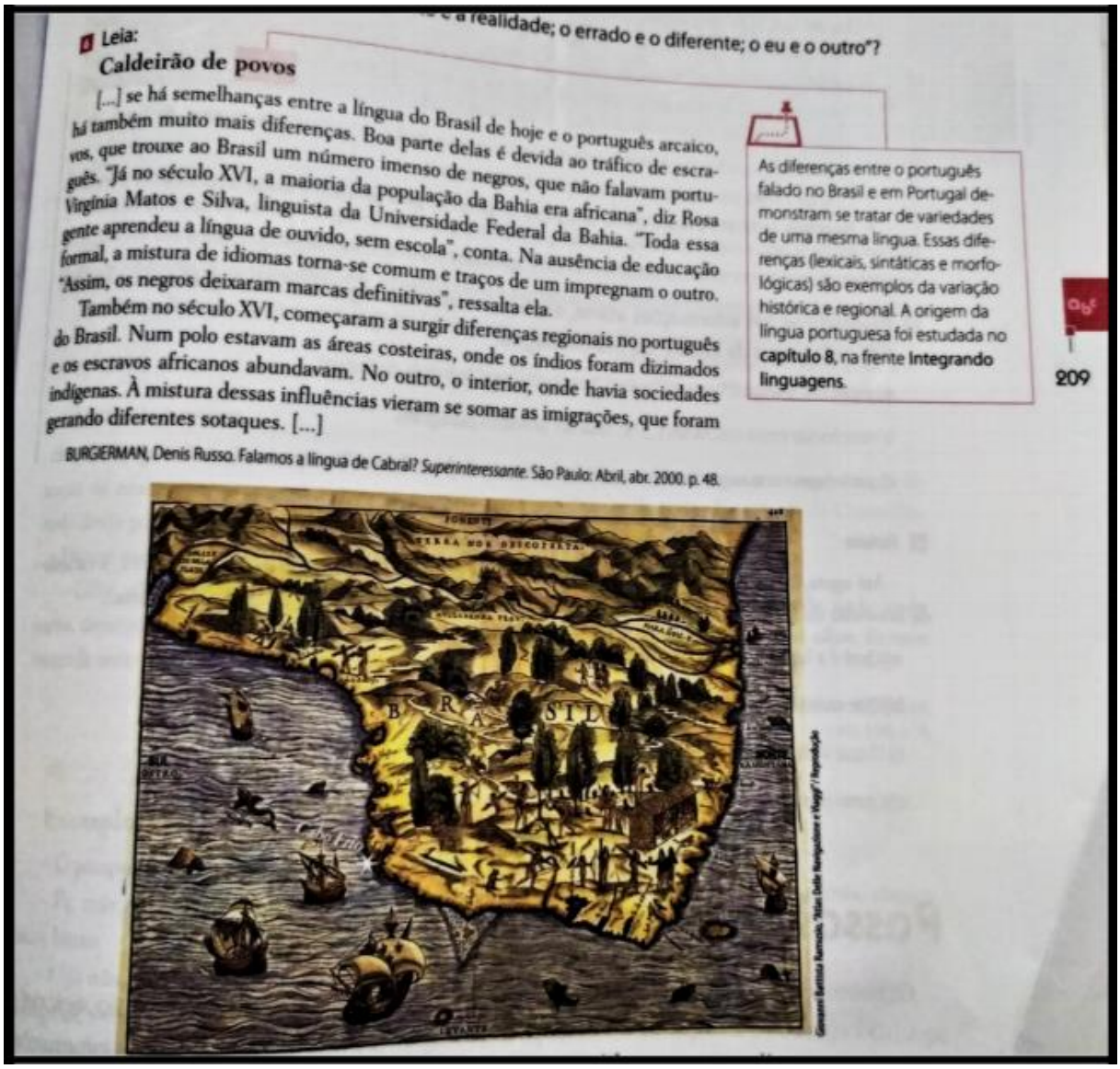
– Como assim, Irene? – pergunta Emília, espantada. – Que quer dizer isso?

– Isso quer dizer que aquilo que a gente chama, por comodidade, de *português* não é um bloco compacto, sólido e firme, mas sim um conjunto de "coisas" aparentadas entre si, mas com algumas diferenças. Essas "coisas" são chamadas *variedades*.

205

A partir desse trecho, o aluno depreende que há mais de um português no Brasil e que a língua se transforma e varia, assim como não existem línguas melhores ou piores.

Figura 29 - Caldeirão de povos



Leia:

Caldeirão de povos

[...] se há semelhanças entre a língua do Brasil de hoje e o português arcaico, há também muito mais diferenças. Boa parte delas é devida ao tráfico de escravos, que trouxe ao Brasil um número imenso de negros, que não falavam português. "Já no século XVI, a maioria da população da Bahia era africana", diz Rosa Virgínia Matos e Silva, linguista da Universidade Federal da Bahia. "Toda essa gente aprendeu a língua de ouvido, sem escola", conta. Na ausência de educação formal, a mistura de idiomas torna-se comum e traços de um impregnam o outro. "Assim, os negros deixaram marcas definitivas", ressalta ela.

Também no século XVI, começaram a surgir diferenças regionais no português do Brasil. Num polo estavam as áreas costeiras, onde os índios foram dizimados e os escravos africanos abundavam. No outro, o interior, onde havia sociedades indígenas. À mistura dessas influências vieram se somar as imigrações, que foram gerando diferentes sotaques. [...]

BURGIERMAN, Denis Russo. Falamos a língua de Cabral? *Superinteressante*. São Paulo: Abril, abr. 2000. p. 48.

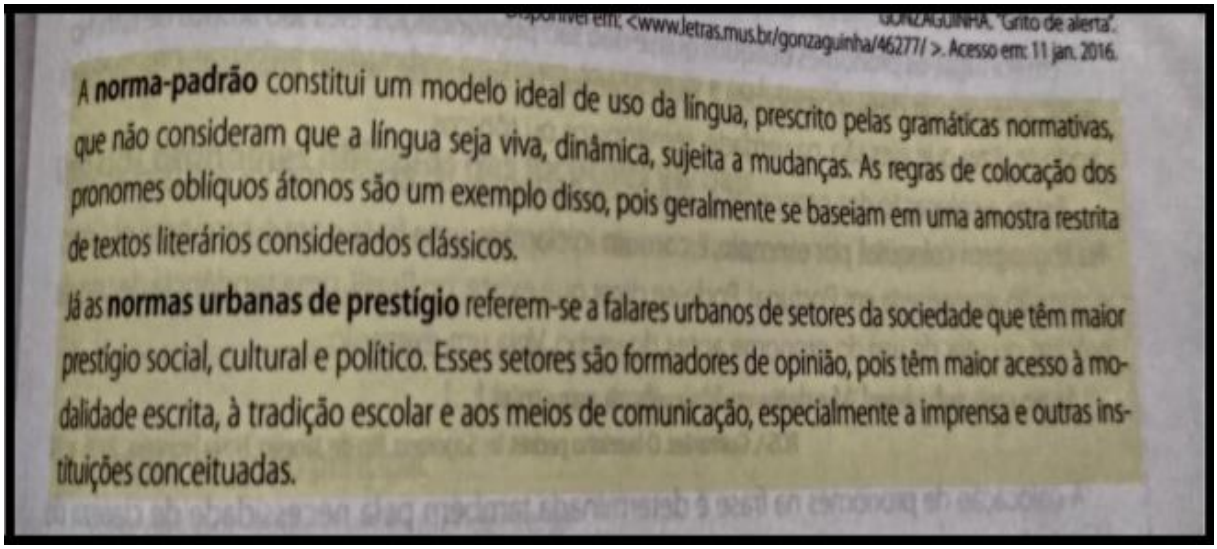
As diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal demonstram se tratar de variedades de uma mesma língua. Essas diferenças (lexicais, sintáticas e morfológicas) são exemplos da variação histórica e regional. A origem da língua portuguesa foi estudada no **capítulo 8**, na frente **Integrando linguagens**.

209

Na figura 29, os autores trazem um pequeno recorte que guiará o estudante a entender de forma sucinta como a variação surgiu no território brasileiro. Esclarecem, inclusive, a grande influência, principalmente, dos escravizados africanos no Português brasileiro. Dessa forma, o aluno assimila que os negros africanos não contribuíram só na culinária e dança, mas também, no nosso modo de falar.

No volume 2, fragmento 30, uma tirinha falando do assunto da variação aparece no capítulo “Colocação de pronomes oblíquos átonos”.

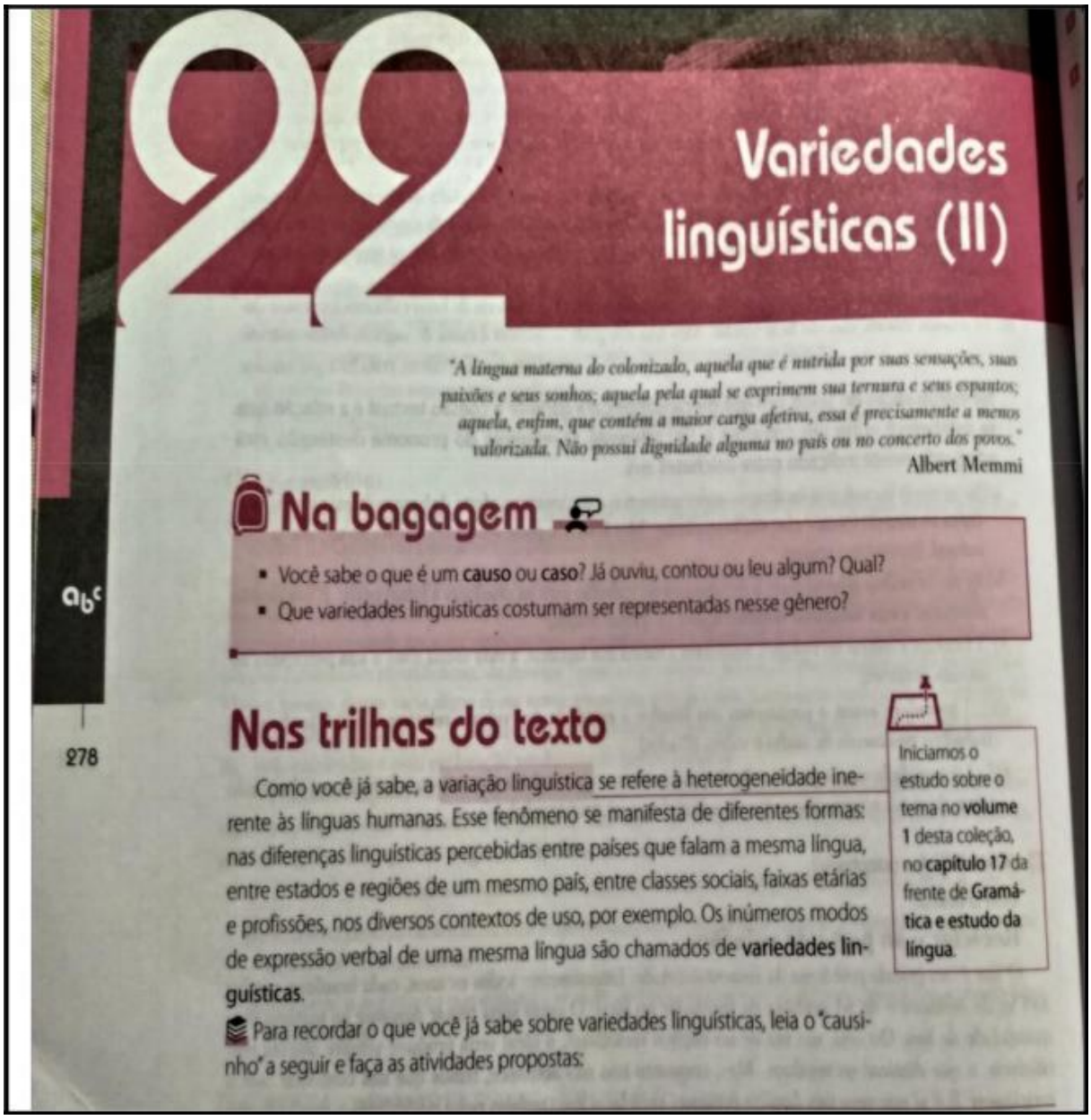
Figura 30 - Norma padrão



Os autores não se preocupam em explanar sobre as variantes, mas a norma padrão e a variante urbana de prestígio. Por consequência, instrui o discente a entender que só deve aprender as variantes urbanas de prestígio, pois é a correta.

No fragmento 31, temos uma amostra do conteúdo do volume 3, denominado “Variação linguística II”, que é uma continuação do volume 1.

Figura 31 - Variedades Linguísticas II



22

Variedades linguísticas (II)

"A língua materna do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos; aquela pela qual se exprimem sua ternura e seus espantos; aquela, enfim, que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a menos valorizada. Não possui dignidade alguma no país ou no concerto dos povos."

Albert Memmi

Na bagagem

- Você sabe o que é um **causo** ou **caso**? Já ouviu, contou ou leu algum? Qual?
- Que variedades linguísticas costumam ser representadas nesse gênero?

278

Nas trilhas do texto

Como você já sabe, a variação linguística se refere à heterogeneidade inerente às línguas humanas. Esse fenômeno se manifesta de diferentes formas: nas diferenças linguísticas percebidas entre países que falam a mesma língua, entre estados e regiões de um mesmo país, entre classes sociais, faixas etárias e profissões, nos diversos contextos de uso, por exemplo. Os inúmeros modos de expressão verbal de uma mesma língua são chamados de **variedades linguísticas**.

Para recordar o que você já sabe sobre variedades linguísticas, leia o "causinho" a seguir e faça as atividades propostas:

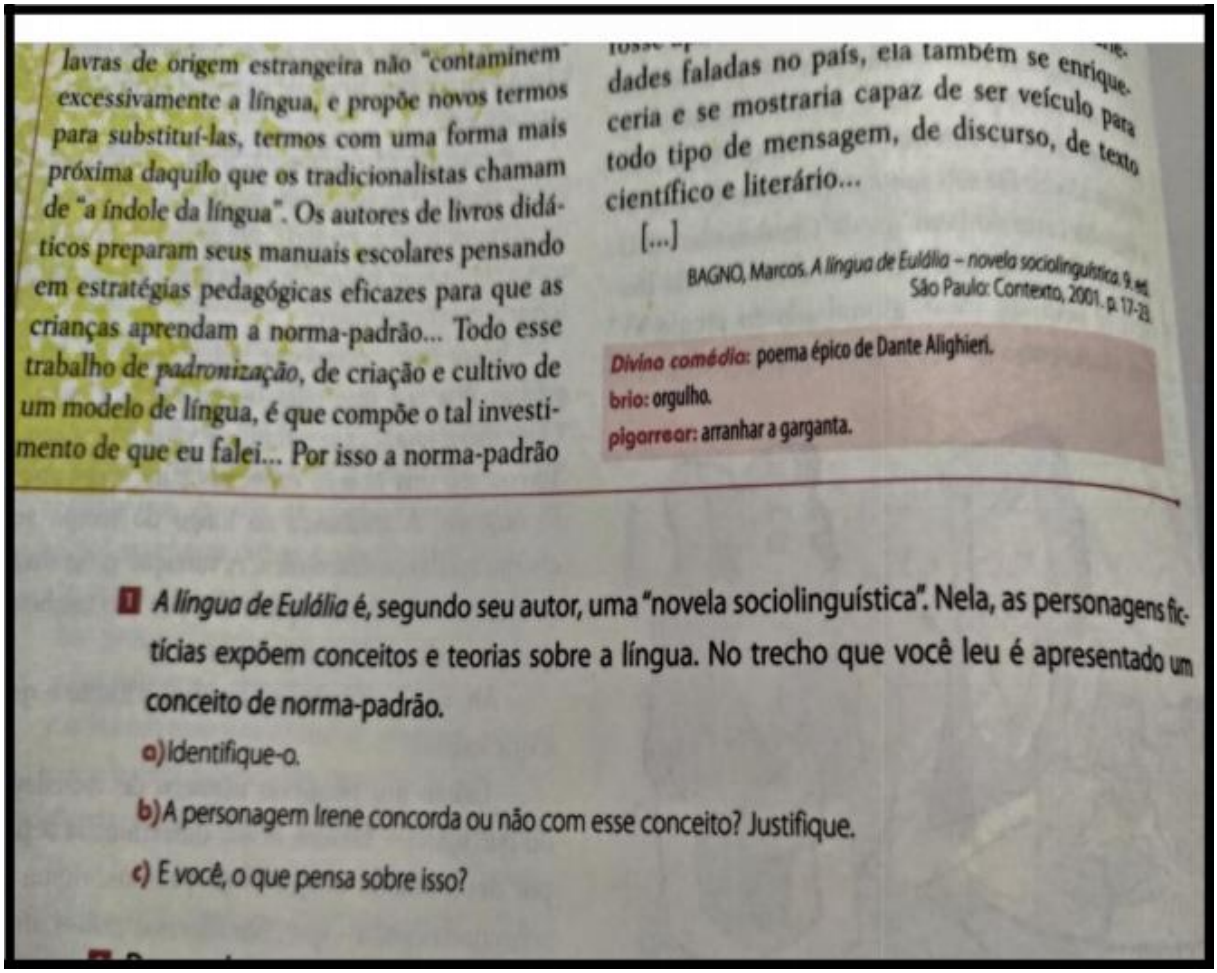
Iniciamos o estudo sobre o tema no **volume 1** desta coleção, no **capítulo 17** da frente de **Gramática e estudo da língua**.

Os autores, com base nas indagações que principia o conteúdo, orientam o estudante a questionar se ambos os termos significam a mesma coisa. Prosseguem conceituando o tema, como se manifesta e em quais condições.

Para dar seguimento, vamos tratar de alguns exercícios propostos pelos autores na coleção.

Na figura 32, temos uma atividade referente ao conceito de norma, presente volume 1.

Figura 32 - Exercício



lavras de origem estrangeira não "contaminem" excessivamente a língua, e propõe novos termos para substituí-las, termos com uma forma mais próxima daquilo que os tradicionalistas chamam de "a índole da língua". Os autores de livros didáticos preparam seus manuais escolares pensando em estratégias pedagógicas eficazes para que as crianças aprendam a norma-padrão... Todo esse trabalho de *padronização*, de criação e cultivo de um modelo de língua, é que compõe o tal investimento de que eu falei... Por isso a norma-padrão

dades faladas no país, ela também se enriqueceria e se mostraria capaz de ser veículo para todo tipo de mensagem, de discurso, de texto científico e literário...

[...]

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália – novela sociolinguística*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2001. p. 17-23.

Divina comédia: poema épico de Dante Alighieri.
brio: orgulho.
pigarrear: arranhar a garganta.

1 *A língua de Eulália* é, segundo seu autor, uma "novela sociolinguística". Nela, as personagens fictícias expõem conceitos e teorias sobre a língua. No trecho que você leu é apresentado um conceito de norma-padrão.

a) Identifique-o.

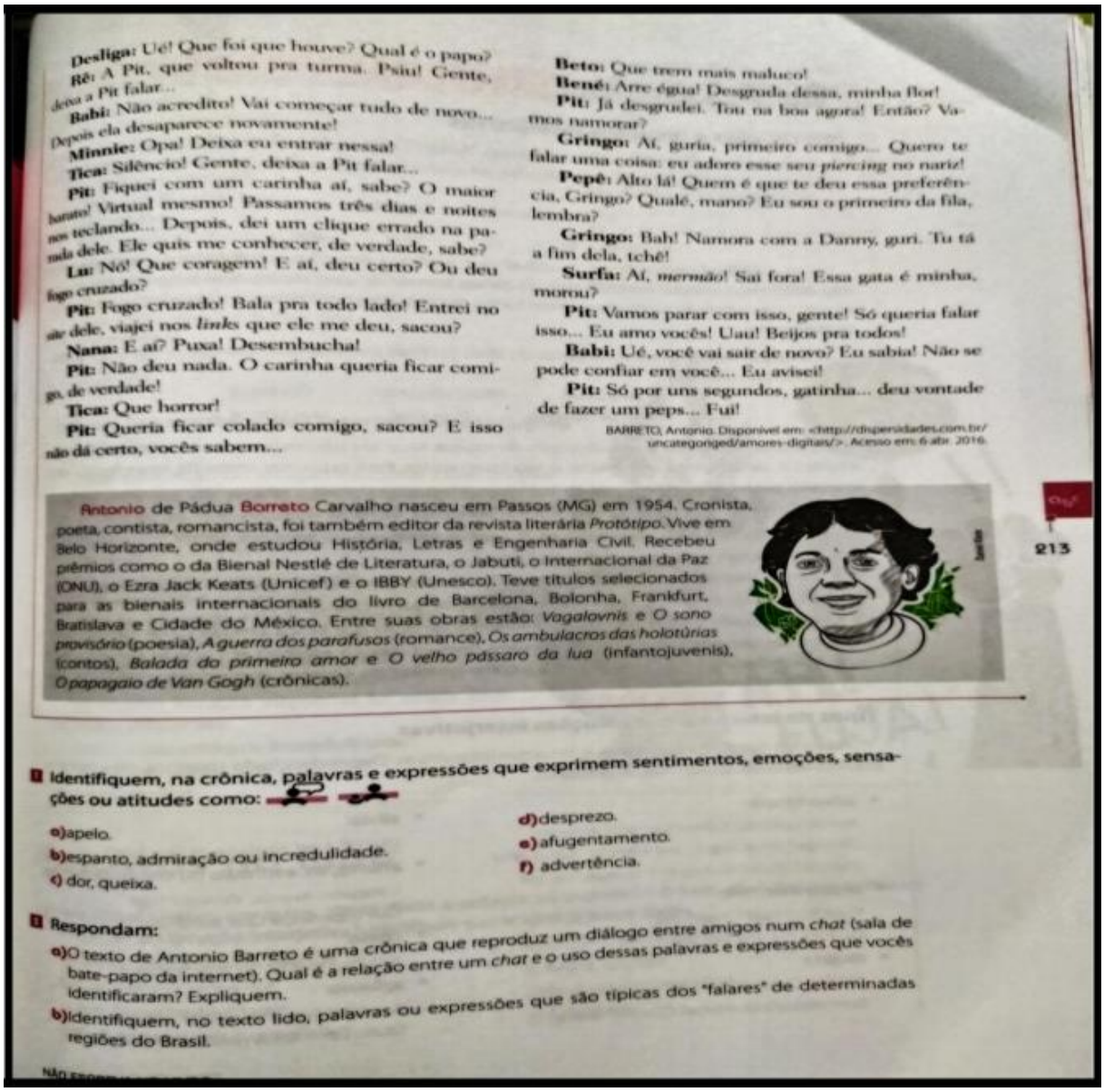
b) A personagem Irene concorda ou não com esse conceito? Justifique.

c) E você, o que pensa sobre isso?

Os autores, no trecho A, reforçam e valorizam a norma-padrão, sendo que deveriam trazer questionamento relacionados à variação. Em B, os estudantes são induzidos após a leitura do texto a, também, formarem uma opinião sobre questão. Em C, os autores propõem o desdobramento da questão B de maneira apropriada.

A figura 33, encontrada no capítulo 16, volume 2, nomeado “Interjeição locução interjetiva”, apresenta outro exercício:

Figura 33 - Exercício



Desliga: Ué! Que foi que houve? Qual é o papo?
Rê: A Pit, que voltou pra turma. Psiu! Gente, deixa a Pit falar...
Babi: Não acredito! Vai começar tudo de novo... Depois ela desaparece novamente!
Minnie: Opa! Deixa eu entrar nessa!
Tica: Silêncio! Gente, deixa a Pit falar...
Pit: Fiquei com um carinha aí, sabe? O maior barato! Virtual mesmo! Passamos três dias e noites nos teclando... Depois, dei um clique errado na pasta dele. Ele quis me conhecer, de verdade, sabe?
Lu: Nó! Que coragem! E aí, deu certo? Ou deu fogo cruzado?
Pit: Fogo cruzado! Bala pra todo lado! Entrei no site dele, viajei nos *links* que ele me deu, sacou?
Nana: E aí? Puxa! Desembucha!
Pit: Não deu nada. O carinha queria ficar comigo, de verdade!
Tica: Que horror!
Pit: Queria ficar colado comigo, sacou? E isso não dá certo, vocês sabem...

Beto: Que trem mais maluco!
Bené: Arre égua! Desgruda dessa, minha flor!
Pit: Já desgrudei. Tou na boa agora! Então? Vamos namorar?
Gringo: Aí, guria, primeiro comigo... Quero te falar uma coisa: eu adoro esse seu *piercing* no nariz!
Pepê: Alto lá! Quem é que te deu essa preferência, Gringo? Qualé, mano? Eu sou o primeiro da fila, lembra?
Gringo: Bah! Namora com a Danny, guri. Tu tá a fim dela, tchê!
Surfa: Aí, *mermão*! Sai fora! Essa gata é minha, morou?
Pit: Vamos parar com isso, gente! Só queria falar isso... Eu amo vocês! Uau! Beijos pra todos!
Babi: Ué, você vai sair de novo? Eu sabia! Não se pode confiar em você... Eu avisei!
Pit: Só por uns segundos, gatinha... deu vontade de fazer um peps... Fui!

BARRETO, Antonio. Disponível em: <http://dispersidades.com.br/uncategorized/amores-digitais/>. Acesso em: 6 abr. 2016.

Antonio de Pádua Borreto Carvalho nasceu em Passos (MG) em 1954. Cronista, poeta, contista, romancista, foi também editor da revista literária *Protótipo*. Vive em Belo Horizonte, onde estudou História, Letras e Engenharia Civil. Recebeu prêmios como o da Bienal Nestlé de Literatura, o Jabuti, o Internacional da Paz (ONU), o Ezra Jack Keats (Unicef) e o IBBY (Unesco). Teve títulos selecionados para as bienais internacionais do livro de Barcelona, Bolonha, Frankfurt, Bratislava e Cidade do México. Entre suas obras estão: *Vagalavnis* e *O sono provisório* (poesia), *A guerra dos parafusos* (romance), *Os ambulacros das holotúrias* (contos), *Balada do primeiro amor* e *O velho pássaro da lua* (infantojuvenis), *O papagaio de Van Gogh* (crônicas).

213

1 Identifiquem, na crônica, palavras e expressões que exprimem sentimentos, emoções, sensações ou atitudes como:

a) apelo.
b) espanto, admiração ou incredulidade.
c) dor, queixa.
d) desprezo.
e) afugentamento.
f) advertência.

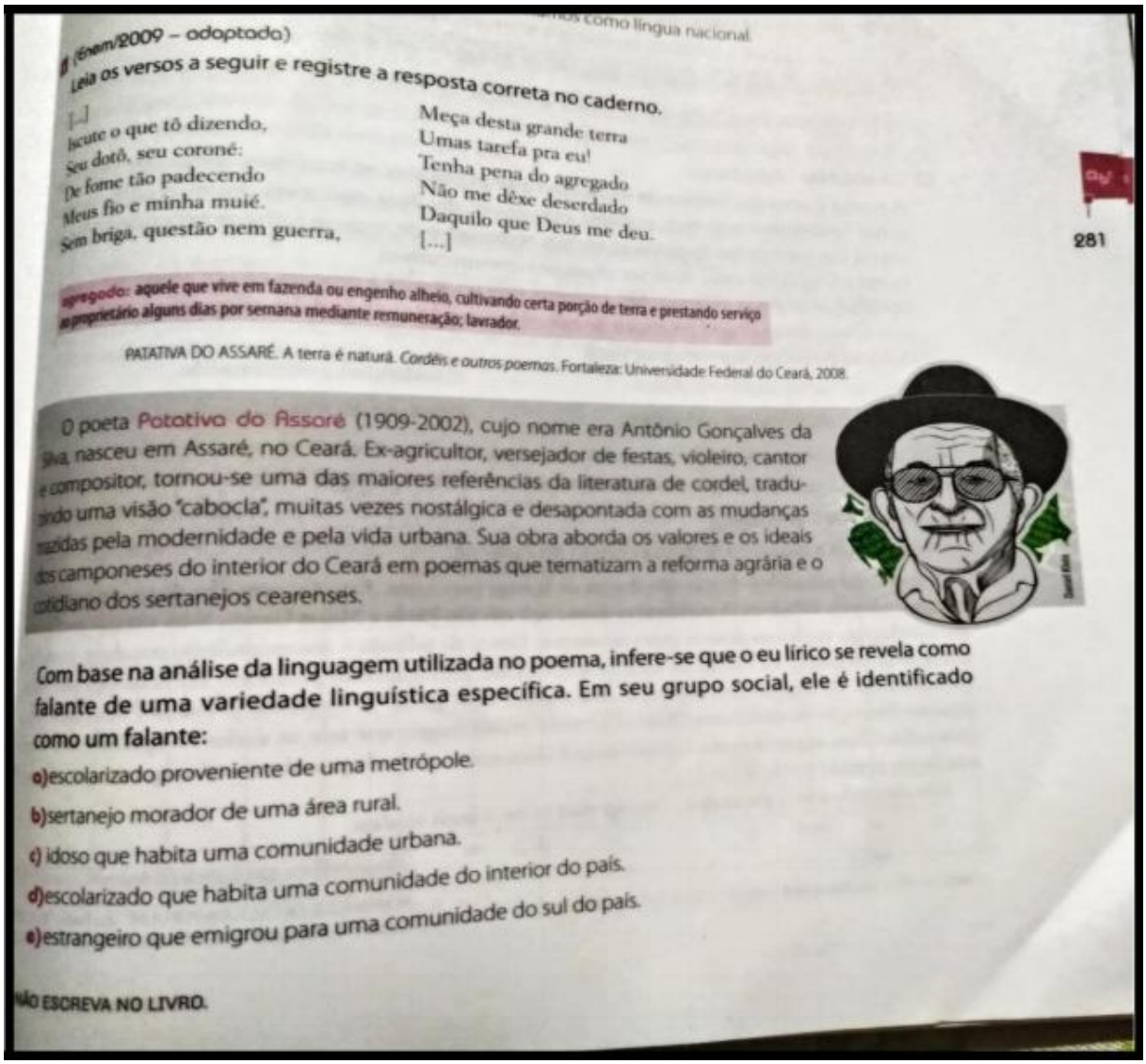
2 Respondam:

a) O texto de Antonio Barreto é uma crônica que reproduz um diálogo entre amigos num *chat* (sala de bate-papo da internet). Qual é a relação entre um *chat* e o uso dessas palavras e expressões que vocês identificaram? Expliquem.
b) Identifiquem, no texto lido, palavras ou expressões que são típicas dos "falares" de determinadas regiões do Brasil.

A imagem traz um diálogo, em especial, na questão 2A, e explora os conhecimentos adquiridos durantes a edição. Porém ao longo do material não é trazido à existência de contextos de fala, em que o falante precisa se adequar à maneira de comunicação daquele espaço. Em B, quando os autores trazem no enunciado a palavra “falares” entre aspas denota um cunho preconceituoso, pois a expressão “típicas dos “falares” de determinadas regiões” já indica que se trata das variedades desprestigiadas. Assim, o estudante irá perceber que são dados tratamentos distintos às variantes: uma é denominada variedades urbanas prestigiadas, enquanto, outra, modos de falares típicas de certas regiões.

No volume 3, capítulo 22, intitulado “Variedades linguísticas II”, figura 34, temos:

Figura 34 - Exercício



(Enem/2009 – adaptada)

Leia os versos a seguir e registre a resposta correta no caderno.

[...]
Iscute o que tô dizendo,
Seu dotô, seu coroné:
De fome tão padecendo
Meus fio e minha muié.
Sem briga, questão nem guerra,
Meça desta grande terra
Umas tarefa pra eu!
Tenha pena do agregado
Não me dêxe deserdado
Daquilo que Deus me deu.
[...]

281

agregado: aquele que vive em fazenda ou engenho alheio, cultivando certa porção de terra e prestando serviço ao proprietário alguns dias por semana mediante remuneração; lavrador.

PATATIVA DO ASSARÉ. A terra é natura. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

O poeta Patativa do Assaré (1909-2002), cujo nome era Antônio Gonçalves da Silva, nasceu em Assaré, no Ceará. Ex-agricultor, versejador de festas, violeiro, cantor e compositor, tornou-se uma das maiores referências da literatura de cordel, traduzindo uma visão "cabocla", muitas vezes nostálgica e desapontada com as mudanças trazidas pela modernidade e pela vida urbana. Sua obra aborda os valores e os ideais dos camponeses do interior do Ceará em poemas que tematizam a reforma agrária e o cotidiano dos sertanejos cearenses.

Com base na análise da linguagem utilizada no poema, infere-se que o eu lírico se revela como falante de uma variedade linguística específica. Em seu grupo social, ele é identificado como um falante:

a) escolarizado proveniente de uma metrópole.
b) sertanejo morador de uma área rural.
c) idoso que habita uma comunidade urbana.
d) escolarizado que habita uma comunidade do interior do país.
e) estrangeiro que emigrou para uma comunidade do sul do país.

NÃO ESCREVA NO LIVRO.

Os autores impulsionam os discentes a identificarem o falante pelo seu modo de fala, ligando a seu espaço linguístico.

Perante a análise dos volumes, percebe-se a escassez da teoria para o conhecimento do assunto e um excesso de exercícios. Logo, quase não aparece conceito teóricos, para explicar mais a fundo o objeto de estudo. Há uma abordagem muito frequente da norma - padrão, da variedade de prestígio em detrimento às variedades populares.

Concordamos, finalmente, com Faraco (2007):

> Se é verdade que majoritariamente falamos português, esse português não é (e nem poderia ser, porque nenhuma língua humana é) uno, uniforme. A realidade nacional do português é extremamente diversificada, seja no espaço geográfico, seja no espaço social. O problema, contudo, não está na diversidade em si que é, como dissemos antes, característica de todas as sociedades humanas. E, em si, constitui, diga-se de novo, um patrimônio histórico e cultural, um bem de que temos de nos orgulhar e não de nos envergonhar: ela é um retrato de nossa história como sociedade (por mais dificuldade que a elite letrada tenha para reconhecê-la e aceitá-la). (Faraco, 2007, p. 10)

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por finalidade, principal, examinar duas coleções de livros didáticos aprovados pelo PNLD/2016, analisar a maneira que se dá a abordagem da variação linguística nesses materiais, que exercem uma influência muito grande no processo de ensino-aprendizagem de língua. É necessário não se esquecer, que os estudos desenvolvidos pela Sociolinguística, à respeito do estudo e descrição da língua, tem colaborado na promoção de políticas linguísticas e formação de professores, os quais, também, espelham na produção e aquisição desses materiais didáticos.

Ao término das análises da editora Moderna, pode-se perceber que mesmo não tendo uma abordagem da língua de forma perfeita o assunto é abordado de maneira muito bem feita, os autores têm uma atenção voltada a introduzir as perspectivas linguísticas nos ambientes escolares brasileiros.

Vale acrescentar, também, a apresentação das variantes populares não empregadas de forma pejorativa, mas especificando seus contextos de uso, formais e informais. Para além disso, se nota a insuficiência de seções falando do tema e o pouco espaço dado dentro dos demais capítulos.

Entretanto, os manuais da editora Leya, se apresentaram de maneira insatisfatória. Durante a análise averiguou-se a quase ausência de teoria nos capítulos estudados e um excesso de exercício e uso da norma-padrão, a qual sabemos que representa uma língua ideal mas não a real. Com isso, a inexistência do embasamento teórico leva o estudante a não formação de uma visão crítica do conteúdo.

Portanto, depreende-se que se faz preciso uma difusão do assunto, com conteúdo mais detalhados e exemplificados, assuntos integrados aos tantos outros tratados nos livros didático. E não nos esqueçamos do papel educando nesse processo, que é imprescindível na quebra de preconceitos e formação desses falantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Manuel; CAMPOY, Juan Manuel Hernández. Metodologia para o estudo da variação: planificação inicial. **Metodologia da investigação sociolingüística. Málaga: Comares**, 2005, p. 37-81.

BAGNO, Marcos (org.). Linguística da Norma. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

BAGNO, Marcos. **Norma linguística, hibridismo & tradução**. 2012. Disponivel em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10546>. Acesso em: 28 dez. 2019.

BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. Tarefas da educação lingüística no Brasil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 5, n. 1,2005, p. 63-81.

BECHARA, Evanildo, 1928- **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. Ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELINI, Raimunda Gomes de Carvalho; DE SOUSA, Maria Margarete Fernandes. A variação linguística no livro didático: um olhar sob a perspectiva sociolinguística. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, 2014, p.211-230.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. ***Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*.** Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1993.

CAMACHO, Roberto Gomes; CECCANTINI, João Luis Cardoso Tápias; PEREIRA, Rony Farto. Norma culta e variedades linguísticas. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**, v. 11, 2004, p. 34-49.

CAMPOS, Elenice de. **Reflexões sobre o ensino de gramática**. Disponivel em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1155-4.pdf>. Acesso em 15 set. 2019.

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo et al. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007)**, 2007.

Colégio Estadual Martinho Salles Brasil. Disponivel em: <https://www.qedu.org.br/escola/108394-ee-colegio-estadual-martinho-salles-brasil/sobre>. Acesso em: 28 jan. 2018

CORRÊA, Selena Catiusce Goulart; ALMEIDA, Daiane Vithoft de. O preconceito linguístico na sala de aula. **Caderno Intersaberes**, v. 8, n. 16, 2019, p. 76-88.

DUTRA, Simone de Araújo. **Variação linguística e ensino: uma discussão necessária nas séries iniciais**. Guarabira: UEPB, 2014.

FARACO, Carlos Alberto. **Por uma pedagogia da variação linguística.** *São Paulo: Parábola Editorial*, 2007, 21-50.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma visão geral da gramática funcional**. ALFA**: Revista de Linguística, v. 38, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: história, teoria e análise.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OLIVEIRA, Helênio Fonseca de. Língua padrão, língua culta, língua literária e contrato de comunicação. **Cadernos do CNLF**, 2004, p. 84-94.

OLIVEIRA. Antônio Flávio Ferreira de; NASCIMENTO. Ilderlândio Assis de Andrade Nascimento. As variedades linguísticas no livro didático *Português – linguagens*: uma abordagem sociolinguística. **Revista digital do programa de pós-graduação em letras da PUCRS.** Porto Alegre, 2017, p. 336-349.

ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**: literatura, produção de texto, linguagem. 1 ed., São Paulo: Moderna, 2016.

PEREZ, Luana Castro Alves. **O que é gramática**. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/gramatica>. Acesso 19 dez. 2019.

PESSOA, Ercilene Azevedo Silva; SILVA, Camilo Rosa. **Variação Linguística: estudo em salas do ensino fundamental**. UFPB, s/d. Disponivel em: <https://www.academia.edu/2546747/VARIA%C3%87%C3%83O_LINGU%C3%8DSTICA_ESTUDO_EM_SALAS_DO_ENSINO_FUNDAMENTAL>. Acesso em: 26 out. 2019.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas, SP : Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1996.

Revista Exame. Disponivel em: <https://exame.abril.com.br/economia/as-30-cidades-com-mais-riqueza-por-morador-no-brasil/>. Acesso em 11 fev. 2020.

São Francisco do Conde. Disponivel em: <http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/historia/>. Acesso em 11 fev. 2020.

SENE, Marcus Garcia; SILVA, Manoel Crispiniano Alves da; ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. Revisando Velhos Percalços: uma abordagem da variação linguística nos livros didático de língua portuguesa. **Letra Magna**, 2017.

SETE, Graça et al. **Português: trilhas e tramas.** 2 ed. São Paulo: Leya, 2016.

SILVA, Kleber Aparecido da; PILATI, Eloisa; DIAS, Juliana de Freitas. O ensino de gramática na contemporaneidade: delimitando e atravessando as fronteiras na formação inicial de professores de língua portuguesa. RBLA Belo Horizonte, 2010, p. 975-994.

SILVA, Marco Antônio. A Fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educação & Realidade**, vol. 37, núm. 3, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, p. 803-821.